

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGÜÍSTICA (PPGLIN)

FERNANDA GUSMÃO SILVA

**O INDEFINIDO “ALGUM” NA FORMAÇÃO DO IPN [N + ALGUM] NA HISTÓRIA
DA LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO DIACRÔNICO SOBRE A
POLARIDADE NEGATIVA NO SINTAGMA NOMINAL**

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2021

FERNANDA GUSMÃO SILVA

**O INDEFINIDO “ALGUM” NA FORMAÇÃO DO IPN [N + ALGUM] NA HISTÓRIA
DA LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO DIACRÔNICO SOBRE A
POLARIDADE NEGATIVA NO SINTAGMA NOMINAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Descrição e análise de línguas naturais

Orientador: Profa. Dra. Cristiane dos Santos Namiuti

VITÓRIA DA CONQUISTA – BA

2021

S58i	<p>Silva, Fernanda Gusmão. O indefinido “algum” na formação do IPN [N+algum] na história da língua portuguesa: um estudo diacrônico sobre a polaridade negativa no sintagma nominal. / Fernanda Gusmão Silva; orientadora Cristiane dos Santos Namiuti. – Vitória da Conquista, 2021. 83f.</p> <p>Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2021. Inclui referência F. 80 – 83.</p> <p>1. Sintagma nominal. 2. Qualificadores indefinidos. 3. Polaridade. I. Namiuti, Cristiane dos Santos (orientadora). II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística. T. III.</p> <p style="text-align: right;">CDD: 469.5</p>
------	--

Catálogo na fonte: Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: The indefinite quantifier “algum” like a Negative Polarity Item (IPN) in the history of the Portuguese language: a diachronic study of the negative polarity in the noun phrase

Palavras-chave em inglês: Noun Phrase. Indefinite Quantifier. Negation. Polarity.

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Cristiane dos Santos Namiuti (Presidente-Orientadora); Profa. Dra. Elisângela Gonçalves da Silva (UESB); Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves (UNICAMP)

Data da defesa: 30 de setembro de 2021

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-0940-3629>

Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/3268698466820930>

FERNANDA GUSMÃO SILVA

**O INDEFINIDO "ALGUM" NA FORMAÇÃO DO IPN [N + ALGUM] NA HISTÓRIA
DA LÍNGUA PORTUGUESA: UM ESTUDO DIACRÔNICO SOBRE A
POLARIDADE NEGATIVA NO SINTAGMA NOMINAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 30 de setembro de 2021.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Cristiane dos Santos Namiuti
Instituição: UESB – Presidente-Orientador

Ass.: Cristiane Namiuti

Profa. Dra. Elisângela Gonçalves da Silva
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.: Elisângela

Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland
Galves
Instituição: UNICAMP – Membro Titular

Ass.: Ch. Galves

“A luta contra o racismo começa com
um trabalho sobre linguagem.”
Tahar ben Jelloun

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), por me permitir vivenciar esse período de grande aprendizagem, e viabilizar o espaço para o desenvolvimento dos projetos Sintaxe diacrônica em corpus eletrônico: do português pré-clássico às variantes modernas, desenvolvido no Laboratório de Pesquisa em Linguística de Corpus (Lapelinc), e Memória Conquistense: Recuperação de documentos oitocentistas na implementação de um corpus digital, coordenados pelos professores Dr. Jorge Viana Santos (DELL/UESB) e Dra. Cristiane Namiuti (DELL/UESB). Tais projetos foram essenciais para o desenvolver desta pesquisa.

Agradeço às agências financiadoras Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB), e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), os quais apoiam esses projetos e permitem o crescimento da pesquisa no Brasil.

À Capes: “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001”.¹ Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio e financiamento das atividades do PPGLin da UESB, sem os quais eu não conseguiria vencer essa tão importante etapa acadêmica.

Agradeço ao Programa de Pós- Graduação em Linguística (PPGLin) e a todos os professores que fazem parte dessa equipe, pela oportunidade de realização da minha formação em nível de mestrado.

Aos membros da banca de qualificação, Professoras Valéria e Elisângela, por aceitarem avaliar o trabalho, e pelas mais que valiosas contribuições.

Aos membros da Banca de Defesa, Professora Charlotte Galves e Professora Elisângela, por aceitarem participar da banca e por toda a avaliação e contribuição ao trabalho.

À equipe do Laboratório de Pesquisas em Linguística de Corpus (Lapelinc), em especial o professor Jorge Viana, que me acompanhou, auxiliou, investiu academicamente e sempre esteve ao meu lado em todo esse percurso.

Agradeço ao Senhor Jesus pelos benefícios que me tem feito e por toda a equipe que Ele colocou ao meu lado. Agradeço a Deus pela minha família que me acompanhou com tanto cuidado e amor; ao meu marido que segurou em minha mão em dias tão difíceis; filhos que

¹ Forma padrão em conformidade com Portaria CAPES nº 206/2018 e esclarecimento do Ofício Circular nº 19/2018-CPG/CGSI/DPB/CAPES.

compreenderam as diversas crises e ausências emocionais e mesmo assim, sempre que podiam, conseguiram me fazer sorrir. Agradeço ao Senhor pela vida da Professora Cristiane, minha orientadora, que se tornou pra mim um exemplo vivo de anjo sobre a terra, pois, verdadeiramente, Deus me presenteou com sua vida. Obrigada, professora, pelas vezes que secou minhas lágrimas, me animou, direcionou, auxiliou, incentivou a continuar viva e com esperança de dias melhores. Quero registrar aqui que nos dias mais nublados de minha vida, sua voz sempre ecoará em meus ouvidos dizendo: Vai dar tudo certo!!

Quero agradecer a equipe sem igual, formiguinhas do Lapelinc, que com muito trabalho e alegria me auxiliaram em toda essa pesquisa, em especial a Eloisa, sem ti não teria entrado nessa jornada, Patrick, Amanda, Caique, Nauã, Giovani, Jaqueline, Graciethe, Danilo e tantos outros formadores de corpora. Agradeço aos professores Adilson, Elisangela, Vera, Jorge, Edivania, Marian e Valéria que sempre foram tão humanos e compartilharam comigo tantos conhecimentos. Agradeço aos professores do PPGLin e toda a equipe que sempre está tão disposta a nos auxiliar. Meus colegas da graduação Keroly, Kércia, Éliton, Willian, Lindian, Carmina, Marta, Karine, Danilo, Ruan, Luciene e Stefane.

Agradeço à Professora Charlotte pelo trabalho incrível realizado em toda a sua carreira acadêmica, permitindo a tantos outros alçarem voos ainda maiores.

Agradeço também a três pessoas em especial: Aline Costa, Bruno Silvério e Raiana Cristina, pois vocês foram sombra em dia de sol escaldante, água em momento de seca, abraço em momento de luto e esperança em momento de guerra. Obrigada por existirem em minha vida!!

Encerro meus agradecimentos citando algumas pessoas que durante a caminhada no mestrado, foram recolhidas para um lugar de paz, pessoas que sempre farão falta, quer sejam por momentos que vivemos, quer sejam por momentos que eu gostaria de viver com elas: D. Ana Geni (sua benção sempre me fará falta), meu primo Alexsandro Gomes, Prof. Fernando Cardeal, Sr. Francisco, amiga Tathiana Sá, Amigo Ricardo, Tia Santa, Amigo Sinval Araújo e Tio Valmir.

RESUMO

Esta pesquisa contribui com estudos diacrônicos sobre os indefinidos *algum* e *nenhum* na língua portuguesa, partindo do quadro teórico da gramática gerativa. Nossa referência é a pesquisa de Martins (2015, 2016) que analisa os indefinidos negativos no português europeu (PE) em uma perspectiva diacrônica, descrevendo que o indefinido ‘*algum*’, na estrutura [N + *algum*], deriva da incorporação do nome e do quantificador indefinido em um núcleo negativo abstrato interno ao DP (*Determiner Phrase*). Essa incorporação é resultado do movimento do núcleo nominal para o núcleo do sintagma numeral (NUMP) em que, segundo Martins (2015), está o indefinido “*algum*”, formando o amálgama [N + *algum*]. Devido essa estrutura sintática, a presença de um complemento nominal ou adjetivo entre o nome e o *algum* pós-nominal, e a flexão de número seria bloqueada, pois a estrutura se torna um Item de polaridade negativa (IPN), que se comporta como uma palavra invariável, como os pronomes indefinidos “ninguém”/“nada”. Sendo assim, partimos das descrições de Martins (2015), para verificar o fenômeno em outro *corpus* diacrônico do Português replicando a pesquisa no *corpus Tycho Brahe* (CTB) e *corpus DOViC* (Documentos Oitocentista de Vitória da Conquista), conjecturando que: a estrutura [N + *algum*] não pode ser analisada como um IPN no Português Clássico (PCl), e temos, nos documentos do Português Brasileiro (PB) do século XIX, um comportamento semelhante ao do PCl, em relação às estruturas de inversão dos indefinidos para valorar traço de negação. Nesse sentido, questionamos o *status* e a natureza da inversão [N + *algum*] no PCl e no PB do século XIX e a possibilidade de identificar o momento da mudança no tempo. A fim de alcançar respostas, objetivamos, levantar, analisar, descrever e comparar as estruturas formadas com os indefinidos ‘*algum*’ e ‘*nenhum*’ em nossos *corpora*, seguindo os seguintes critérios: posição do indefinido no sintagma nominal; função/posição deste sintagma nominal em relação ao verbo da sentença; existência de marcador de negação antecedendo ou sucedendo o sintagma com o indefinido, e, o valor positivo (não negativo) ou negativo do sintagma nominal. A metodologia da pesquisa para a descrição e análise do fenômeno IPN envolveu a busca automática de dados, através da ferramenta *Corpus Search* (RANDALL; TAYLLOR; KROCH, 2009), no CTB, com limite temporal que abarca os séculos XVI ao XIX, bem como o uso da ferramenta *E-Dictor* (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER; FARIA, 2009) e do aplicativo *WebSinc* (COSTA, 2015) para a pesquisa no *corpus DOViC*. Por fim, constatamos que os resultados nos levam a concluir que o indefinido “*algum*”, na posição pós-nominal, nos séculos XVI e XVII, ainda não estava incorporado ao nome, caracterizando um IPN. Não obstante, localizamos pistas nos dados do

século XVIII que sugerem a gramaticalização da estrutura [N + algum] como um IPN. Sobre os dados do PB, verificamos que a estrutura no *corpus* DOViC sempre é atestada com valor negativo e em um contexto de negação independente, o que pode sugerir que o valor negativo seja valorado pela negação superior, junto com a inversão do algum, como no PCl.

PALAVRAS-CHAVE

Sintagma nominal. Quantificadores Indefinidos. Polaridade.

ABSTRACT

This research contributes to diachronic studies on the indefinite ones and none in the Portuguese language, starting from the theoretical framework of generative grammar. Our reference is the research by Martins (2015, 2016) that analyzes the negative indefinite in European Portuguese (EP) in a diachronic perspective, describing that the indefinite ‘some’, in the [N + some] structure, derives from the incorporation of the name and of the indefinite quantifier in an abstract negative nucleus internal to the DP (Determiner Phrase). This incorporation occurs as a result of the movement from the nominal head to the head of the numeral phrase (NUMP) in which, according to Martins (2015), is the indefinite “some”, forming the amalgam [N + some]. Due to this syntactic structure the [N + some] would not allow the presence of a noun complement or adjective to occur between the noun and some postnominal, and the number inflection would be blocked, as the structure becomes an Item with negative polarity (IPN), which behaves like an invariant word, like the indefinite pronouns “nobody”/“nothing”. We start from the descriptions of Martins (2015), in order to verify the phenomenon in another diachronic corpus of Portuguese replicating the research in the Tycho Brahe corpus (CTB) and DOViC corpus (Documents of the 19th century of Vitória da Conquista), we conjecture: the structure [N + some] cannot be analyzed as an IPN in Classical Portuguese (PCI), and we have, in Brazilian Portuguese (BP) documents of the 19th century, a behavior similar to that of PCI, in relation to the indefinite inversion structures for valuing trait of negation. In this sense, we question the status and nature of the inversion [N + some] in the 19th century PCI and BP and the possibility of identifying the moment of change in time. To arrive at the answers, we target to raise, to analyze, to describe and to compare the structures formed with the indefinites pronouns “algum” and “nenhum” (“some” and “none”, in English) in the research corpora, adopting the following criteria: the position of the indefinite pronoun in the noun phrase; the function of the noun phrase in relation to the verb of the sentence; the position of the noun phrase in relation to the verb of the sentence; the existence of negation marker preceding or succeeding the phrase with the indefinite pronoun, and the positive (non-negative) or negative value of the noun phrase. The research methodology for the description and analysis of the NPI phenomenon involves the automatic search for data, through the Corpus Search tool, at the CTB, with a period limit that covers the 16th to the 19th centuries, as well as the use of the E-Dictor tool (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER; FARIA, 2009) and the WebSync Web Application (COSTA, 2015) for research in the DOViC corpus. Finally, we found that the

results allow the perception that the indefinite pronoun “algum”, in the posnominal position, in the 16th and 17th centuries, was not yet incorporated into the name, characterizing an NPI, but we located clues in the data from the 18th century that improves the grammaticalization of the [N + algum] structure as an NPI. Regarding the BP (Brazilian Portuguese), we found that the structure in the DOViC corpus is always attested with a negative value and in a context of independent negation, which may suggest that the negative value is valued by the superior negation, together with an inversion of some, as in CP.

KEYWORDS

Noun Phrase. Undefined quantification. Polarity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Edição de texto na ferramenta E-Dictor.....	43
Figura 2 – Texto em versão morfológica na ferramenta E-Dictor	44
Figura 3 – Exemplo de anotação sintática com trecho do texto de Matias Aires (1705) anotado com o parser da Pensilvânia após revisão manual.....	45
Figura 4 – Telas do aplicativo WebSinC, desenvolvido pelo método aplicado, relacionadas ao cadastro de metadados referentes ao DF: (1) dados gerais; (2) características físicas; (3) upload de imagens-chave; e (4) visão do Catálogo Visual gerado pelo aplicativo apresentando as 5 imagens-chave previstas no método como necessárias para caracterização do objeto livro notarial manuscrito histórico no suporte digital.	51
Figura 5 – Tela de visualização de documentos do WebSinc exibindo a Carta de Liberdade	52
Figura 6 – Tela da interface gráfica do CTB para consulta gráfica.....	55
Figura 7 – Tela da interface gráfica do CTB do CTB para consulta manual	55
Figura 8 – Imagem de uma carta de alforria transcrita e editada com uso da ferramenta E-Dictor	56
Figura 9 – Tela de buscas sintáticas do WebSinC com dois argumentos (blocos)	57
Figura 10 – Representação arbórea sintática do IPN [animal algum].....	74
Figura 11 - Representação arbórea de [coisa alguma] não especificada quanto ao traço de polaridade no PCI	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quantificadores indefinidos no Português Brasileiro (PB).....	25
Quadro 2 – Análise de polaridade do Indefinido ‘algum’	35
Quadro 3 – Dados quantitativos do <i>corpus Tycho Brahe</i>	46
Quadro 4 – <i>Corpus Tycho Brahe</i> : textos utilizados na pesquisa.....	46
Quadro 5 – Trecho da Análise Topográfica do Livro E6.....	51
Quadro 6 – <i>Corpus DOVIC</i> : textos utilizados na pesquisa	53

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados coletados por Martins em <i>Corpus</i> do Português (CP)	69
Tabela 2 – Posição dos indefinidos ALGUM e NENHUM no sintagma nominal (documentos portugueses).....	69
Tabela 3 – Posição dos indefinidos ALGUM e NENHUM no sintagma nominal com valor negativo (documentos portugueses)	70
Tabela 4 – Posição dos indefinidos ALGUM e NENHUM no sintagma nominal com valor negativo (documentos brasileiros).....	70
Tabela 5 – Posposição dos indefinidos ALGUM e NENHUM no sintagma nominal com valor negativo (documentos portugueses e brasileiros).....	71

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 OS INDEFINIDOS NA LÍNGUA PORTUGUESA.....	21
2.1 Os Indefinidos nas Gramáticas	21
2.2 Os Indefinidos na diacronia da língua portuguesa.....	34
3 CORPUS E METODOLOGIA	40
3.1 <i>Corpus</i> da Pesquisa	41
3.1.1 <i>Corpus Tycho Brahe</i>	41
3.1.2 <i>Corpus DOViC</i>	48
3.2 Metodologia da Pesquisa.....	54
3.2.1 <i>Busca automática dos dados</i>	54
3.2.2 <i>Critérios para classificação e análise dos dados</i>	57
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	59
4.1 O valor negativo dos indefinidos na diacronia: apresentação dos resultados e Discussão	60
4.2 Discussão do problema e proposta de análise: a formulação das hipóteses	73
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	79
REFERÊNCIAS.....	80

1 INTRODUÇÃO

“É o ponto de vista que cria o objeto”
Ferdinand Saussure

Nosso trabalho de pesquisa teve como tema de investigação a posposição do indefinido “algum” em relação ao nome substantivo para instanciar a polaridade negativa no sintagma nominal na diacronia da língua portuguesa, buscando compreender: (i) a natureza da estrutura [N + algum] em textos portugueses do século XVI, XVII, XVIII e XIX, e em textos brasileiros do século XIX; e (ii) o processo de gramaticalização² da estrutura como um Item de polaridade Negativa (IPN) na história da língua. Para tanto, realizamos um estudo diacrônico comparado, no âmbito do Projeto Temático “*Do português pré-clássico às variantes modernas: contribuições para o estudo da Sintaxe e suas interfaces*” (FAPESB, APP 0007/2016), coordenado pela professora Dra. Cristiane Namiuti (PPGLin/UESB). O quadro teórico utilizado como guia para a descrição e análise dos dados foi o da Gramática Gerativa³ (CHOMSKY, 1995).

A presente pesquisa se soma ao estado da arte da investigação sobre os indefinidos negativos na diacronia do português, uma vez que se propõe a descrever e analisar as sentenças com [N + algum/a] em textos do Português Clássico (doravante PCI), do Português Europeu dos séculos XVIII e XIX e do Português Brasileiro do século XIX (doravante PB) pertencentes ao *Corpus Tycho Brahe* e ao *Corpus DOViC*. As respostas alcançadas por meio deste trabalho contribuem para a construção do conhecimento sobre as estruturas com indefinidos, colaborando com o avanço das pesquisas sobre a polaridade negativa do sintagma nominal (NP)⁴. Além disso, entendemos que analisar o comportamento da estrutura invertida [N+algum/a], em frases do PCI, é de suma importância para compreender como ocorreu a

² O processo diacrônico de mudança linguística que transforma uma forma lexical em uma forma gramatical foi denominado por Meillet (1948) de gramaticalização, nesse processo os conteúdos lexicais vão sendo esvaziados de sentido lexical e a forma/estrutura passa a desempenhar funções gramaticais. Segundo Neves (2000), o processo de gramaticalização ocorre quando uma determinada categoria migra para uma outra condição na língua, é o que acontece na transformação diacrônica de um verbo pleno a um verbo auxiliar, de uma palavra lexical ou pronome a um afixo ou clítico. Nesse sentido, a transformação diacrônica da estrutura sintagmática [N + algum], em que [N] e [algum] são núcleos sintáticos independentes, para um IPN, em que [N] e [algum] realizam um único núcleo sintático de polaridade negativa, funcionando como uma única palavra negativa, é o tipo de fenômeno linguístico que ficou conhecido por “gramaticalização” na ciência Linguística.

³ A gramática gerativa postula a existência de uma organização sintática que parte de uma numeração limitada de itens selecionados do léxico da língua para formar infinitos enunciados linguísticos.

⁴ Sigla do inglês para Sintagma Nominal, *Noun Phrase*, “a categoria hierarquicamente superior, sendo (N) a sua categoria lexical central, o seu núcleo” (RAPOSO, 1992, p. 67-66).

mudança do IPP (Item de Polaridade Positiva) ‘algum’ para um IPN (Item de Polaridade Negativa). Ademais, ao realizarmos um estudo comparativo, quantitativo e qualitativo, com base em *corpora* diacrônicos de textos brasileiros e textos do português europeu, disponibilizamos uma interpretação sobre a composição dessas línguas, bem como estabelecemos comparações entre o Português Brasileiro (doravante PB) e o Português Europeu (doravante PE), o que nos permite atestar possíveis diferenças entre as gramáticas.

Em relação aos pronomes indefinidos, seu valor negativo, segundo Martins (2000, 2015), precisava ser valorado pelo operador de negação sentencial da sentença no Português Antigo (doravante PA), eles coocorriam com o marcador negativo, não anulando a negação sentencial, e em alguns casos, eram usados em contextos não negativos, os quais poderiam ser não-assertivos (não afirmativos) (01.a) ou modais (01.b) (imperativo, condicional, dentre outros), **não sendo**, portanto, intrinsecamente negativo no léxico, como no Português Europeu atual (doravante PE).

- (01)
- a. “que **nenh~uu nã** scapou (Crônica Geral de Espanha de 1344.)” (CINTRA, 1954, p. 107 *apud* MARTINS, 2000, p. 216, apêndice).
 - b. “E por decreto publico foi defeso que **ninguém** navegasse”. (ALI, 1931, p. 199 *apud* MARTINS, 2000, p. 196).
[significando ‘e por um decreto público foi proibido que alguém navegasse’]

De acordo com Martins (2000), no século XV, o marcador negativo passa a ser opcional no português (02 a-b) para valorar a polaridade negativa do indefinido “nenhum” em posição pré-verbal.

- (02)
- a. “**Nenh~uu nom** mostrava que era famiinto” (FERNÃO LOPES, Crônica de D. João I. Freire, org, 1997, p. 270 *apud* MARTINS, 2000, p. 194).
 - b. “**Nenh~uu** poderá seer emlegido a semelhante honra” (FERNÃO LOPES, Crônica de D. João I. Freire, org, 1997, p. 373 *apud* MARTINS, 2000, p. 194).

E, no português contemporâneo, estruturas com a opcionalidade de uso do indefinido negativo, em posição pré-verbal, coocorrendo com o marcador de negação sentencial, tornam a estrutura agramatical (03).

- (03) **Ninguém (*não)** poderá trabalhar hoje.

Martins (2015) ao descrever o comportamento do [N + algum], na diacronia do português, constata que nos séculos XVII e XVIII:

(i) [N+algum] era legitimado no escopo da negação, ocorrendo normalmente em posição pós-verbal; (ii) era possível a legitimação da inversão nominal negativa em contextos modais (também chamados “contextos negativos fracos”); (iii) a adjacência entre o nome e algum não era obrigatória; (iv) coisíssima alguma não ocorria (MARTINS, 2015, p. 12).

Assim, a autora argumenta que, nesse período, a estrutura [N + algum] não estava gramaticalizada como um IPN (Item de Polaridade Negativa), por depender de estar sob o escopo⁵ da negação para que a interpretação negativa do NP fosse possível e por se comportar como um sintagma e não como uma estrutura de incorporação de núcleos⁶, uma vez que a adjacência entre o nome (N) e o indefinido (algum) não era obrigatória.

Assim, mediante a investigação revisitada sobre os indefinidos negativos, indagamos o estatuto/natureza da inversão [N + algum] nos *corpora* representativos do PCl, PE e PB, **questionando**:

(i) Qual é o *status* da inversão [N + algum] no PCl século XVI e XVII? A estrutura [N+algum] atestada nos textos do *corpus Tycho Brahe* pode ser considerada um IPN como no PE ou o valor negativo se dá via presença de um operador de negação que precede o NP e desencadeia a valorização do traço negativo do NP, como no PA para as *n-words*?

(ii) Qual é o *status* da inversão [N + algum] no PB do século XIX? A estrutura [N+algum] atestada nos textos do *corpus DOViC* pode ser considerada um IPN como no PE?

(iii) É possível identificar o período em que ocorre a mudança do Item de Polaridade Positiva, (doravante IPP), [algum] para um IPN [Nome + algum] no tempo?

Para responder às questões delineadas baseamo-nos nas hipóteses de Martins (2015), para quem a estrutura [N + algum] no Português Europeu (PE) é derivada da incorporação do nome e do quantificador indefinido num núcleo negativo abstrato interno ao DP (sigla do inglês para Sintagma Determinante, *Determiner Phrase*).

⁵ Escopo é o conjunto de conteúdos afetados por um operador (ILARI *et al.*, 1991, p. 105).

⁶ Baker (1988) utilizou o termo incorporação para designar um processo gramatical no qual um núcleo lexical ou funcional se combina com outro núcleo para formar um único objeto sintático complexo e de natureza nuclear. Esta junção de núcleos se dá por meio da operação de movimento nuclear formando uma cadeia (CHOMSKY, 1995).

A estrutura sintática do IPN, tal como propõe Martins (2015) explica a obrigatoriedade de adjacência entre o nome substantivo e o quantificador indefinido, não possibilitando a presença de um complemento nominal ou adjunto ocorrerem entre o nome e o algum pós-nominal por esta estrutura ser formada em um processo de incorporação de núcleos - um amálgama - formando uma única palavra negativa (*n-word*), um IPN. Nessa configuração a flexão de número é bloqueada, pois o IPN comporta-se como uma palavra invariável, como os pronomes indefinidos “ninguém”/“nada”. A explicação, segundo Martins (2015), se dá pela ausência do núcleo do Pl(ural) na estrutura do DP quando NegP (sigla do inglês para Sintagma Negativo, *Negative Phrase*) é projetado e pela possibilidade de ocorrer em qualquer posição na sentença sem a presença de um operador de negação para a interpretação negativa. Essa não deve ser a estrutura da inversão nominal [N + algum] no PCI, uma vez que a polaridade positiva/não negativa para a estrutura [N + algum], bem como a não adjacência estrita entre o nome e o indefinido e a pluralização do sintagma na inversão nominal negativa com o indefinido ‘algum’ foi atestada em textos do *corpus Tycho Brahe*, fatos que sugerem que o nome e o quantificador indefinido não estão incorporados nesta fase, não corresponde a um IPN.

Com relação ao PB, a estrutura dos dados oitocentistas do PB, parece se assemelhar a inversão atestada nos textos do PCI, uma vez que sua ocorrência no *corpus DOViC* depende de um outro elemento negativo na sentença, podendo ser explicado por valoração do traço de negação mediante concordância com o núcleo que subordina o NP com inversão [N + algum] (cf. 04 a-b):

- (04) a. [PP+Neg [P sem] [DP ... embargo algum ... [NP-embargo]]]
 b. [NegP [Neg não] [IP havendo [VP ... [DP embargo algum]]]

Com relação a mudança gramatical e sua localização no tempo, uma vez que “as mudanças nas línguas, instanciadas nos documentos históricos, como variação gradual, são reflexos de mudança gramatical que, por uma necessidade teórica, deve ocorrer de modo abrupto na aquisição da linguagem pelo falante (KROCH, 1989 *apud* GALVES; NAMIUTI; PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 49), e a variação de usos nos textos, pode ser compreendida como fruto da convivência, no plano do uso, de formas geradas por diferentes gramáticas, formas novas nos textos podem ser pistas para uma mudança gramatical. Segundo Kroch (2001 *apud* GALVES; NAMIUTI; PAIXÃO DE SOUSA, 2006), a mudança gramatical não afeta apenas uma construção, mas a gramática como um todo, logo se várias alterações ocorrem em

um mesmo período de tempo em uma “razão constante”, nos termos de Kroch (1989), temos aí indícios que uma mudança gramatical ocorreu. No caso dos indefinidos, Martins (2015) localizou formas novas no século XIX como a inversão do indefinido com valor negativo sem a presença de um operador de negação, como no caso de *‘coisa alguma escapou!’* (MARTINS, 2015, p. 12), dados assim também foram atestados por esta pesquisa no século XIX, *corpus Tycho Brahe*. Paralelamente a estes novos fatos, Martins (2015) atestou um aumento da frequência [N + nenhum] no mesmo século o que pode corroborar a hipótese da mudança. O mesmo fato foi por nós observado no *corpus Tycho Brahe*. Sendo assim, com base nos fatos observados, também com base nas considerações sobre a mudança gramatical no quadro teórico da gramática gerativa, levantamos as **seguintes hipóteses**:

(1) A estrutura [N + algum] não pode ser analisada como um IPN no PCI, pois o valor negativo se dá via presença de um operador de negação que precede o NP e desencadeia a valorização do traço negativo do NP, como no PA para as n-words, o que evidencia um traço fraco de polaridade no NP no PCI.

(2) Temos, nos documentos brasileiros do século XIX, um comportamento semelhante ao do PCI em relação às estruturas de inversão dos indefinidos para valorar traço de negação, indicando também um traço fraco de polaridade no NP do PB do século XIX.

(3) É possível identificar o século XIX como o momento da mudança do PCI para o PE, uma vez que dados novos de [N + algum] foram atestados nos documentos portugueses do século XIX, associados a alterações de frequência de estruturas que podem estar relacionadas à mudança como o aumento de [N + nenhum] em relação a [Nenhum + N] após um aumento de [N + algum] e o surgimento de dados de [N + algum] com valor negativo em um contexto livre da presença de negação sentencial ou outro marcador de negação.

Assim, para contribuir com a investigação do fenômeno da gramaticalização de [N+algum] como um IPN na história da língua portuguesa e defender as hipóteses apresentadas, definimos a metodologia de seleção e análise dos dados, incluindo os fatores de descrição/classificação. Verificamos como ocorre a valoração negativa dos indefinidos que não eram intrinsecamente negativos ou positivos em textos do português clássico e se havia uma concorrência entre o indefinido negativo ‘nenhum’, e o quantificador indefinido ‘algum/a’ nos textos do *corpus* da pesquisa, controlando a interpretação (se negativa ou não negativa). O percurso e os resultados da pesquisa estão apresentados nesta dissertação que está organizada em **cinco seções**, incluindo esta seção introdutória, **seção 1. Introdução**. Nessa seção,

apresentamos o tema e o contexto da pesquisa, as questões delineadas e as hipóteses defendidas. Como fundamentação teórica e metodológica para apresentar o problema, trouxemos para a discussão Martins (2000, 2015). **Na seção 2. Os indefinidos na língua portuguesa,** discorremos sobre os indefinidos nas gramáticas normativas e descritivas, também traremos nesta seção um pouco da história dos Indefinidos na Língua Portuguesa. Como fundamentação para a discussão trouxemos nesta seção as gramáticas de Said Ali (1964), Pereira (1935 [1907]), Cunha e Cintra (2013), Castilho (2010), Neves (2000) e Mateus *et al.* (2003), além dos trabalhos de Martins (1997, 2000, 2015) e Pinto (2015). **Na seção 3. Corpus e metodologia,** apresentamos o *corpus* e metodologia aplicada na pesquisa mediante a utilização das ferramentas E-Dictor (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER; FARIA, 2009), e *corpus search* (2009), a pesquisa no *corpus Tycho Brahe* (GALVES; ANDRADE; FARIA, 2017), e *corpus DOViC* (SANTOS; NAMIUTI, 2010), bem como o uso do aplicativo WebSinc (COSTA, 2015). Na sequência, na **seção 4. Resultados e discussões,** discorremos sobre os resultados e discussões e finalizamos com a **seção 5. Considerações finais.**

2 OS INDEFINIDOS NA LÍNGUA PORTUGUESA

“A gramática é mais perfeita que a vida. A ortografia é mais importante que a política. A pontuação dispensa a humanidade.”
Fernando Pessoa

Nesta seção apresentaremos a descrição dos indefinidos *Algun/a* e *Nenhum/a* nas gramáticas e nos estudos linguísticos em perspectiva histórica, com o intuito de observarmos as peculiaridades desses indefinidos em cada linha gramatical e o estado da arte das pesquisas em perspectiva diacrônica comparada.

Na subseção 2.1, iniciamos a descrição dos indefinidos nas gramáticas históricas de Said Ali (1964) e Eduardo Carlos Pereira (1935 [1907]), seguindo com a gramática tradicional de Cunha e Cintra (2013), e as gramáticas descritivas de Castilho (2010), Neves (2000) e Mateus *et al.* (2003).

Na subseção 2.2, apresentamos os indefinidos na história da língua em perspectiva comparada. Mencionamos a origem no latim (ELIA, 1998), a sintaxe e a interpretação dos indefinidos em diferentes momentos da história da língua e a comparação com o Espanhol (MARTINS, 1997, 2000, 2015; PINTO, 2015).

2.1 Os Indefinidos nas Gramáticas

A gramática histórica de Said Ali (1964) descreve os pronomes indefinidos como: ‘um grupo de vocábulos com caráter pronominal, que como a palavra ‘*êle*’, requerem o verbo na terceira pessoa, diferindo do pronome pessoal por indicarem um ente vagamente, como a palavra ‘*alguém*’ (SAID ALI, 1964, p. 114).

Ao tratar sobre os indefinidos negativos, o autor qualifica a palavra ‘*nada*’ como um participio⁷ transformado em pronome, que equivale, semanticamente, a ‘*nenhuma coisa*’, ou seja, refere-se de modo negativo a qualquer ser inanimado. Sobre os indefinidos ‘*algun*’ e ‘*nenhum*’, descreve que na posição de adjuntos, dependem de um nome para se unirem e serem utilizados. No português antigo, porém, os pronomes ‘*algun*’ e ‘*nenhum*’ não eram usados

⁷ “*Nada*” é propriamente o participio feminino do verbo ‘*nacer*’, e a expressão primitiva *rem nada*, significava o mesmo que ‘*coisa nascida*’, a qual era metáfora de que a língua se socorria em frases negativas, para exprimir a inexistência absoluta de qualquer coisa; processo análogo ao que se mostra posteriormente com as metáforas *nem migalha*, *nem ponta*, *nem sombra* e outras.

somente como adjuntos, mas ainda como absolutos e, nesses casos, na acepção de ‘alguém’ (cf. 01 a), ‘ninguém’ (cf. 01 b).

- (01) a. “Nem era **alguũ** ousado de tall cousa dizer.” (SAID ALI, 1964, p. 117).
 b. “Quando elle chegou aos tendilhões, catou dentro, mas nom viu **nenhuũ** fora hũa dona que jazia hi dormindo” (SANTO GRAAL, 122 *apud* SAID ALI, 1964, p. 117).

O autor apresenta, portanto, dois comportamentos sintáticos dos indefinidos, o primeiro pronominal, equivalente a um “ele”/“ela” o segundo de um determinante⁸ como “o”/“a”/“um”/“uma”, dependente da realização do substantivo. No exemplo 01 os indefinidos “algun” e “nenhum” habitualmente do segundo caso (usados como “adjuntos”, seguindo a designação de SAID ALI, 1964), ou seja, equivalente a um determinante, são empregados como do primeiro caso (usados como “absolutos”, conforme SAID ALI, 1964), ou seja equivalente a um pronome.

Pereira (1935 [1907]), seguindo a nomenclatura tradicional, classifica o indefinido como adjetivo, o que está de acordo com a classificação de adjunto, mencionada em Said Ali (1964), e comenta o valor negativo relacionado à posposição do indefinido “algun”:

O adjetivo ‘algun’ adquiriu, do séc. XVII para cá, quando posposto ao substantivo, o valor negativo de nenhum: coisa alguma = coisa nenhuma ou nenhuma coisa, homem algun = homem nenhum ou nenhum homem. Esta aquisição de sentido negativo foi determinada pela lei do contágio (Bréal), isto é, pelo aparecimento constante de algun como pospositivo em frases negativas, tais como: não fez coisa alguma, não conheço homem algun. Este contato frequente com a negativa não em tais frases, comunicou-lhe paulatinamente o valor negativo mencionado (PEREIRA, 1935 [1907], p. 441).

A observação de Pereira (1935 [1907]) está de acordo com o que Martins (2000, 2015) observou em relação aos indefinidos do PA e PCl, seu valor negativo dependente da negação sentencial, o que Bréal, citado por Pereira, denominou lei de contágio contempla essa valoração negativa contextualmente dependente de outro elemento negativo nos textos antigos e clássicos.

⁸ “Determinante” é o termo utilizado na teoria da Gramática Gerativa para designar elementos/palavras gramaticais ligadas ao substantivo (nome) e que tradicionalmente conhecemos como “artigos”, “pronomes demonstrativos” e “quantificadores indefinidos” como “algun” e “nenhum”, estas classes de palavras pertencem todas à categoria D (Determinante), segundo Brito (2003), por estarem em distribuição complementar na sintaxe, ou seja quando um dos elementos está presente o outro não pode estar pois ocuparia o mesmo lugar: ‘*os estes alguns livros’ é agramatical.

Cunha e Cintra (2013) apresentam, em sua gramática tradicional, as características dos indefinidos de maneira semelhante às gramáticas históricas. Destacam as mesmas duas propriedades: (i) podem ser usados como pronomes substantivos, este é o caso de ‘alguém’, ‘ninguém’, ‘outrem’, ‘algo’, e ‘nada’ (cf. 02 a), e (ii) como adjetivos (semelhante aos artigos definidos e indefinidos e pronomes demonstrativos), é o caso dos indefinidos ‘algun’ e ‘nenhum’, denominados pelos gramáticos como pronomes adjetivos (cf. 02 a) que, em certos casos, se empregam como pronomes substantivos (cf. 02 b), como exemplificam Cunha e Cintra (2013, p. 372).

- (02) a. Não devo **nada** a **ninguém**.
 b. Quando nos tornamos a ver, **nenhum** teve para o outro a mínima palavra, ficamos a um banco, lado a lado, em expansivo silêncio.
 (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 372).

Cunha e Cintra observam os valores positivo e negativo dos indefinidos ‘algun’ e ‘nenhum’ e descreve:

Posposto a um substantivo, ‘algun’ assumiu na língua moderna, significação negativa, **mais forte do que a expressa por ‘nenhum’**. **Em geral, o indefinido adquire este valor em frases onde já existem formas negativas, como não, nem, sem.[...]**. No português antigo e médio, podia dar-se a posposição de ‘algun’ com sentido positivo (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 374, grifo nosso).

Tais observações estão em consonância com os estudos linguísticos descritivos, a exemplo dos já mencionados na seção introdutória e os que ainda virão nesta seção, nesta seção e na que se segue.

Os autores também destacam que no feminino, ‘alguma’, aparece em construções de acentuado valor afetivo (03 a) e o ‘nenhum’ reforçado pelo marcador de negação ‘não’, pode equivaler ao indefinido ‘um’ (03 b).

- (03) a. **Alguma** ele andou fazendo.
 b. Eu, Marília, **não** fui **nenhum** vaqueiro.
 (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 375).

Destacamos que o emprego em 3.a e 2.b, assim como 1, parecem equivalentes e podem ser explicados por elipse (apagamento) nominal, o que daria ao indefinido apenas a propriedade de ser um pronome adjetivo com uma distribuição e comportamento semelhante aos dos

pronomes demonstrativos em relação ao acompanhamento do nome e a possibilidade de elipse, como veremos em Brito (2003).

Outra propriedade que é importante notar é o comportamento adverbial dos indefinidos, pois a propriedade adverbial dos indefinidos pode explicar a invariabilidade em relação ao gênero e ao número de certos indefinidos e a possibilidade de graduação, como será o caso do IPN [N + algum] no PE que, apesar de variar em gênero, não flexiona em número e pode ter graduação na expressão [N+algum] em alguns casos como já mencionamos na introdução da dissertação, como em “*coisíssima alguma*” (MARTINS, 2015). Dos indefinidos negativos “nada” é o indefinido invariável em relação ao gênero e à flexão e pode ser graduado (‘*nadinha*’), ou seja, possui propriedades adverbiais.

Ao tratar sobre o indefinido ‘nada’, Cunha e Cintra descrevem que esse pode conter o sentido de ‘nenhuma coisa’, mas equivalente a ‘alguma coisa’ em frases interrogativas (04 a) e que junto a um adjetivo (04 b), ou a um verbo intransitivo (04 c), pode ter força adverbial.

- (04) a. O capitão não come **nada**?
 b. Não foi **nada caro**, tive um grande desconto.
 c. O cavalo não correu **nada**.
 (CUNHA; CINTRA, 2013, p. 377).

Diferentemente das gramáticas históricas e tradicionais, que consideram os indefinidos adjuntos (adjetivos) ou núcleos (pronomes), Castilho (2010), em sua gramática descritiva do Português Culto falado no Brasil, diz que os indefinidos são quantificadores ou especificadores do sintagma nominal. Segundo o autor:

Por ‘indefinido’ entenda-se mais amplamente desde um número indeterminado de objetos (muitos dias), até uma quantidade indeterminada deles (bastante água), na dependência de ser contável ou não contável o substantivo que funciona como núcleo do sintagma nominal respectivo (CASTILHO, 2010, p. 505).

Na sua gramática os indefinidos são descritos como uma classe heterogênea, por possuírem diferenças em sua estrutura, função e distribuição. A fim de descrever tais características, Castilho (2010, p. 506) elaborou um quadro descritivo, no qual são listadas as propriedades gramaticais e semânticas dos quantificadores indefinidos do PB. O quadro 1 apresenta um recorte do quadro descritivo de Castilho, com apenas a descrição dos quantificadores ‘algum’ e ‘nenhum’, que são flexionáveis e se comportam como especificadores nominais, em oposição ao ‘nada’, invariável e que se comporta como pronome

ou advérbio. No que diz respeito à sua posição no sintagma nominal, os quantificadores ‘algum’ e ‘nenhum’ possuem mobilidade, podendo ocorrer em posição pré-nominal ou pós-nominal, diferente do ‘nada’, que não coocorre com o nome. Ao tratar sobre as propriedades semânticas aponta o valor afirmativo do ‘algum’ e o valor negativo para o indefinido ‘nenhum’ e o ‘nada’.

Quadro 1 – Quantificadores indefinidos no Português Brasileiro (PB)

Itens	Propriedades gramaticais		Propriedades semânticas
	Morfologia	Posição no SN	Modalidade
Algum	+ Flexionável	+ Movimento	Afirmativo
Nenhum	+ Flexionável	+ Movimento	Negativo
Nada	- Flexionável	- Movimento	Negativo

Fonte: Adaptada de Castilho (2010, p. 506).

Ao detalhar sobre as peculiaridades desses indefinidos, Castilho (2010) traz o dado histórico de que o ‘algum’ e o ‘nenhum’ derivaram do artigo indefinido ‘um’ e, devido a isso, têm maior mobilidade para afastar-se do substantivo na sentença⁹. Baseando-se em Longobardi (*apud* Castilho, 2010, p. 508), Castilho reconhece que os indefinidos tomam por escopo substantivos, distribuindo-os nos seguintes conjuntos: (i) Conjunto Unitário – o indefinido especifica apenas um elemento do conjunto, variando o termo de acordo com o traço semântico do substantivo, nesse grupo se encaixa o indefinido ‘algum’; e, (ii) Conjunto Vazio – o indefinido especifica um conjunto vazio de elementos, nesse conjunto temos os itens nenhum e nada. Além disso, reconhece que os quantificadores indefinidos podem expressar interpretação negativa associada à posposição do quantificador em relação ao substantivo.

As observações de Castilho (2010), sintetizadas no quadro 1, também estão contempladas na gramática tradicional de Cunha e Cintra (2013), para os autores os indefinidos fazem parte da classe de pronomes, mas dividem-se em variáveis e invariáveis. Os indefinidos ‘algum’ e ‘nenhum’ são classificados como variáveis, e o ‘nada’, como invariável. Com relação ao caráter afirmativo de ‘algum/a’ e ao negativo de ‘nenhum’ e ‘nada’, a gramática descritiva de Castilho (2010) também não observa nada de diferente em relação à gramática tradicional, porém encontramos em Castilho (2010) uma exemplificação mais detalhada dos indefinidos que funcionam como pronomes substantivos, o que significa em termos da linguística teórica sintagmas nominais nucleados por quantificadores indefinidos que não se combinam com um substantivo, devido a seu estatuto pronominal, e classifica esses sintagmas nominais em: sujeito (cf. 05 a), complemento (cf. 05 b), equativo (cf. 05 c) e anti tópico (cf. 05 d).

⁹ A posição de afastamento em relação ao substantivo é abordada por Moraes de Castilho (2008).

- (05) a. **Alguém** aqui não entendeu isso?
 b. então o próprio leite que ela... vamos dizer produzia... era consumido pelo bezerro... e... por **ninguém** mais...
 c. ... o mito é **algo** que aconteceu... segundo... um esquema narrativo... que pode obedecer a variações.
 d. então... toda a responsabilidade não só de administração da casa... como de compras... **tudo**... de todas as medidas a serem tomadas.
 (CASTILHO, 2010, p. 486-487).

Os exemplos em 05, extraídos de Castilho (2010), também os exemplos 02, extraídos de Cunha e Cintra (2013) são de quantificadores e indefinidos que não acompanham o nome mas estão em seu lugar, como os pronomes pessoais.

Neves (2000), em sua Gramática descritiva, trata sobre a quantificação e a indefinição no PB, apresentando os indefinidos como não-fóricos, ou seja, não constituem itens com função de viabilizar a busca semântica no texto e apresenta a distinção de pronomes indefinidos de identidade (i) e os pronomes indefinidos de quantidade (ii).

i. A referência não pode ser identificada:

- (06) Apagava as evidências, procurando aflito algum detalhe que pudesse me trair. (NEVES, 2000, p. 534).

ii. Indicam de modo indefinido o tamanho do conjunto de indivíduos ou a totalidade da substância que está sendo referida:

- (07) Não tenho nenhum bicho de pelúcia. (NEVES, 2000, p. 534).

Em seguida, Neves (2000) descreve a função dos pronomes indefinidos e os qualifica como nucleares e periféricos, seguindo a lógica das gramáticas anteriores em relação ao comportamento gramatical, e assim como Cunha e Cintra (2013) e Castilho (2010), caracteriza os indefinidos ‘nada’, ‘alguém’, ‘ninguém’ e ‘algo’ como componentes do grupo de elementos nucleares, ou seja, pronomes substantivos, pois constituem um sintagma com a mesma distribuição de um sintagma nominal (cf. 08).

- (08) Não tenho **nada**, o capitão compreende (NEVES, 2000, p. 534).

Os indefinidos ‘algum’ e ‘nenhum’ são organizados no grupo de periféricos, pois incidem sobre um substantivo, constituindo um adjunto adnominal, e, por se localizarem a

margem do núcleo substantivo, são chamados de pronomes adjetivos (09 a-b), seguindo a nomenclatura tradicional.

- (09) a. Tratar-se-ia de algum crime recalcado?
b. Não se trata de nenhum sacrilégio.
(NEVES, 2000, p. 53).

Ao abordar essa especificação sintática, Neves tem por objetivo estabelecer sua correspondência com a especificação semântica dos indefinidos, pois, enquanto os indefinidos periféricos operam como indefinidores do nome, que é o núcleo do sintagma nominal (10 a), os indefinidos nucleares constituem, em si, sintagmas indefinidos (10 b).

- (10) a. ... não ia pensar que se abrigava **algum homem** armado à beira daquela lagoa.
b. Não leria **nada**, jurava.
(NEVES, 2000, p. 535).

Ao descrever as posições sintáticas dos indefinidos quando estão como pronomes adjetivos, a referida autora afirma que eles podem aparecer como núcleo do sintagma em orações que registram a elipse do substantivo (11 a-b) ou em contextos, nos quais eles ocorram por substantivação do pronome, com a observação de nunca serem precedidos por artigos definidos (11 c).

- (11) a. Reunião da SBPC, mas com audiências magras – ou até **nenhuma**.
b. Parece que alguns livros ficaram com os descendentes da família. E não eram **muitos**, pelo que se sabe. Hoje talvez haja **algum** com a condessa.
c. Não gosto de ver meu nome solteiro dela, em intimidade que não dou a **nenhuns**.
(NEVES, 2000, p. 537)

Ao tratar sobre o papel discursivo dos indefinidos ‘algum/a’, ‘nenhum’ e ‘nada’, a autora descreve que eles podem ocorrer em qualquer modalidade de enunciado, declarativo ou interrogativo, ou seja, não são operadores de atos ilocutórios. Para exemplificar, elaboramos alguns exemplos (12 a-c).

- (12) a. Ele fez **alguma** coisa?
b. As roupas arrecadadas não foram para **nenhum** albergue.
c. Foram na feira e não compraram **nada**.

Para Neves (2000), assim como para os outros gramáticos citados anteriormente, o ‘algum’, posposto ao nome, confere ao sintagma nominal o valor negativo (13 a-b) e, se estiver em uma oração, após o verbo, faz-se necessária uma marca negativa ou privativa (não, sem, nem). O emprego do indefinido ‘nenhum’ é similar (13 c-d), porém seu caráter negativo independe da sua posição no sintagma e, diferente do ‘algum’ posposto, a marca negativa (não, sem, nem), pode não ocorrer, em determinadas posições sintáticas (13 e), e em algumas vezes, mesmo ocorrendo antes do verbo, a marca negativa ser registrada (13 f).

- (13)
- a. O povo precisa aprender que **não** está recebendo presente **algum**.
 - b. Era bem possível que melhorasse e acabasse a noite **sem** cometer desatino **algum**.
 - c. Dentre os temas existenciais [...] **nenhuns** se tornaram tão populares quanto a disponibilidade, a paixão e a morte.
 - d. Juro que não sei de dinheiro **nenhum**.
 - e. É uma capelinha branca com tanta parede e janelas **nenhumas**, tão pequeninas cruz, piando de pobre.
 - f. Pois bem **nenhum** não sairá dessa nova liberdade.
- (NEVES, 2000, p. 544).

O indefinido ‘nada’, segundo Neves, expressa a ideia de que algo a que ele se refere, não se encontra em determinada situação (14 a-b), ou indica uma coisa pequena ou sem importância (14 c-d). No que diz respeito à sua posição sintática, o indefinido ‘nada’ pode ser registrado nas seguintes estruturas: **(i)** antes do sintagma formado por ‘de + adjetivo’ (14. e), ou, antes da oração adjetiva (14. f), indicando que a situação, evento ou atividade não apresenta a qualidade expressa no adjetivo ou na oração adjetiva; **(ii)** antes de um sintagma formado pela preposição ‘de’ seguida de um pronome possessivo masculino (14. g), que faça referência a uma pessoa; **(iii)** em um enunciado negativo, antes de adjetivo com gradação comparativa (14. h); **(iv)** em orações negativas, como complemento verbal (i), indicando que não há nenhum elemento que possa ser adequadamente selecionado em seu lugar; **(v)** em enunciado interrogativo negativo como complemento verbal (14. j), com valor de demanda de informação sobre negação de existência; **(vi)** em orações negativas em posição predicativa (14.k); **(vii)** como aposto resumitivo (14. l), após uma enumeração, levando o verbo para o singular; **(viii)** para introduzir um aposto especificador (14. m).

- (14)
- a. Mas não há mais **nada** a dizer.
 - b. No menor, que servia de cozinha, **nada** encontraram além da trempe e dos improvisados vasilhames.
 - c. Tudo isso é para **nada**?
 - d. [...] ficam se entregando a troco de **nada**.
 - e. Não há **nada** de novo no que estamos dizendo.

- f. Deus sabe que daquelas bandas não vem **nada** que preste.
 - g. Mas você sabe que eu não tenho **nada** de meu! Dinheiro nenhum!
 - h. Não há **nada** pior no mundo do que um produtor ansioso cheio de ideias.
 - i. O hoteleiro não **disse nada**.
 - j. Mas você não quer beber **nada** mesmo?
 - k. Quando o avião subiu, eu não era **nada**.
 - l. Eles não têm história, cultura, **nada**, só dinheiro.
 - m. Não ouvia mais **nada**: nem violino, nem piano, nem flauta.
- (NEVES, 2000, p. 577-579).

O indefinido ‘nada’, posposto ao artigo indefinido ‘um’, pode expressar coisas ou pessoas sem valor ou sem importância (15 a) e quantificar um sintagma verbal (15 b). Quando antecedido pela preposição ‘por’ exerce sentido negativo para resultados ou motivações (15 c), e pode enfatizar a negação para a realização de determinada função (15 d).

- (15)
- a. Fizeram dos seus ombros, do seu cheiro e das suas palavras **um nada**.
 - b. Os próprios flâmulos movimentaram-se **um nada**.
 - c. Está aceitando a loucura de seu filho e lutando **por nada**.
 - d. Os moradores não queriam, **por nada**, sair de onde estavam.
- (NEVES, 2000, p. 577-579).

A descrição dos usos dos indefinidos “algum”, “nenhum” e “nada”, feita por Neves (2000), sugere o caráter de determinante do nome dos dois primeiros, classificados tradicionalmente como pronomes adjetivos, e o caráter ora pronominal ora adverbial do terceiro. “Nada”, portanto tem um uso absoluto, fazendo referência à terminologia presente na descrição de Said Ali (1964), como os pronomes indefinidos “alguém” e “ninguém”, além da possibilidade de empregar-se como advérbio. Essa transitividade do indefinido ‘nada’, entre a categoria pronominal e adverbial, traz um comportamento que veremos na estrutura gramaticalizada de [N + algum]. Todavia, nem todas as propriedades de “Nada” pode ser observadas no IPN [N+algum], o IPN parece se restringir às propriedades pronominais de “nada” apesar da possibilidade de graduação em “*coisíssima alguma*”, por exemplo, possibilidade esta que não é exclusiva dos advérbios, como sabemos, a graduação dos adjetivos e substantivos é tradicionalmente bem apresentada, melhor inclusive que a propriedade de graduação da categoria advérbio¹⁰.

Resta-nos falar dos indefinidos na terceira gramática descritiva que selecionamos para contemplar em nossa revisão sobre o tema e discussão.

¹⁰ Para conhecer mais sobre as propriedades dos advérbios da língua portuguesa, sua distribuição em advérbios graduáveis e não graduáveis, recomendamos a leitura do Capítulo 11 da gramática organizada por Mateus *et al.* (2003), de autoria de Ana Maria Brito.

A Gramática da Língua Portuguesa organizada por Mateus *et al.* (2003), diferentemente das outras gramáticas trazidas até aqui, é uma obra escrita a várias mãos, cada assunto e capítulo traz uma ou mais autoras especialistas no tema do capítulo e destina-se a descrever o PE atual.

Para o tema dos indefinidos, selecionamos alguns capítulos e seções que descrevem seu comportamento sintático.

Ana Maria Brito, no Capítulo 11 da gramática organizada por Mateus *et al.* (2003), apresenta as categorias sintáticas e sobre o grupo nominal (NP) descreve sua parte funcional e analisa os quantificadores indefinidos “algum” e “nenhum” como uma classe diferente dos quantificadores universais, dos quantificadores variáveis e dos numerais, uma vez que os quantificadores indefinidos estão em distribuição complementar com os elementos da categoria determinante (artigos e pronomes demonstrativos) e não podem co-ocorrer (16 a), os quantificadores universais antecedem os elementos dessa categoria e os variáveis e numerais os seguem (16 b).

- (16) a. ***Algum um** livro | Um algum livro ...
 b. **Todos os três** livros ...

Assim, Brito (2003, p. 356) argumenta que os quantificadores incluem diversos tipos de elementos em três classes diferentes:

(i) os que exprimem a quantificação existencial (*um, uns, uma, umas, algum ...*) e realizam o núcleo da categoria funcional¹¹ denominada “determinante” (D) na teoria X-Barra¹² da Gramática Gerativa.

(ii) os quantificadores (Qs) discretos, que incluem os numerais que exprimem cardinalidade ou ordem (*dois, três, primeiro, ...*) e ainda os Qs que indicam pluralidade (*inúmeros, muitos, vários ...*), estes seguem a categoria D na parte funcional do NP.

¹¹ Chomsky (1982, 1995), em sua teoria da Gramática Gerativa, agrupa as unidades sintáticas das línguas naturais em duas grandes classes, dois grandes grupos de categorias, aquelas que selecionam semanticamente (s-seleção) e categorialmente argumentos (c-seleção) e aquelas que só selecionam categorialmente seus argumentos. As palavras e formas contidas no primeiro grupo, o autor as denomina de categorias lexicais e as palavras e formas contidas no segundo grupo de categorias funcionais ou gramaticais).

¹² Na teoria da Gramática Gerativa um constituinte é uma unidade sintática construída hierarquicamente, embora se apresente aos olhos como uma sequência de letras ou aos ouvidos como uma sequência de sons, e uma vez que não é fácil prever qual o número máximo de itens que podem pertencer a um constituinte sintático, denominado sintagma, a sintaxe, procura delimitá-lo a partir de um núcleo, este núcleo determina certas funções que podem ser lexicais ou funcionais, a Teoria X-Barra representa estas relações hierarquicamente construídas a partir do núcleo (MIOTO, 1992, p. 41).

(iii) os quantificadores universais (*todos, ambos*), estes precedem a categoria D na parte funcional do NP.

O indefinido ‘algum’ em posição pré-nominal é um quantificador usual, que exprime quantidade existencial, conforme exemplifica Brito (2003, p. 356) (17).

(17) Li **alguns livros** (BRITO, 2003, p. 356)

Já em posição pós-nominal, possui sentido negativo, como também observa Brito (2003, p. 359) (18).

(18) **Livro algum** estava sobre a mesa (BRITO, 2003, p. 359).

Brito (2003) argumenta que os quantificadores existenciais ‘algum’ e ‘nenhum’ são núcleos D (Determinantes), estão em distribuição complementar com os artigos indefinidos, por exemplo, e esta é para nós uma propriedade relevante que guiará nossa análise sobre a estrutura sintática de [N+algum] e a polaridade negativa do DP na discussão dos dados.

Ainda no capítulo 11, Brito (2003) discorre sobre o indefinidos ‘*alguém*’, ‘*ninguém*’ e ‘*nada*’ e demonstra seu caráter pronominal, denominando-os de **quantificadores pronominais** que na terminologia tradicional equivale aos **pronomes substantivos**, terminologia presente nas gramáticas anteriores.

O tema dos indefinidos também é retomado em outros capítulos, destacamos aqui o capítulo 19, de autoria de Gabriela Matos, autora de vários capítulos da gramática descritiva organizada por Mateus *et al.* (2003), no qual se discorre sobre os aspectos sintáticos da negação. A autora descreve o comportamento dos marcadores de negação e quantificadores negativos, observando a posição dos marcadores e a polaridade das unidades que expressam negação e concordância negativa. Segundo Matos (2003), a negação é

uma operação que, actuando sobre uma expressão linguística, permite denotar quer a inexistência da situação ou entidade originariamente reportadas por essa unidade, quer o valor oposto da propriedade ou quantidade por ela designadas (MATOS, 2003, p. 769).

A polaridade negativa ocorre quando há marcadores de negação ou quantificadores negativos. Tais quantificadores podem, por si só, ou em combinação com nomes, formar uma expressão negativa, efetivando a negação da sentença e/ou sintagma. O quantificador indefinido

‘nenhum’ é o utilizado de forma preferencial e pode ocorrer na posição pré-nominal (cf. 19 b-c) e pós-nominal (cf. 19 d-e), porém o quantificador indefinido ‘algum’ exerce valor negativo apenas na posição pós-nominal, exemplos (cf. 19 f-g).

- (19)
- a. Nada satisfaz o Pedro.
 - b. [Nenhuma pessoa] gosta de ser maltratada.
 - c. Em [nenhuma ocasião] a Maria descurou as suas obrigações.
 - d. [Pessoa nenhuma] gosta de ser maltratada.
 - e. Em [ocasião nenhuma] a Maria descurou as suas obrigações.
 - f. [Pessoa alguma] gosta de ser maltratada.
 - g. Em [ocasião alguma] a Maria descurou as suas obrigações.
- (MATOS, 2003, p 773-774).

Ao tratar sobre a posição dos marcadores de negação, Matos (2003, p. 774), detalha a colocação do marcador de negação predicativa ‘não’ **(i)**, o marcador negativo complementador ‘sem’ **(ii)**, e o marcador de negação coordenativo ‘nem’ **(iii)** como marcadores de negação padrão.

(i) Uso do não

Em estruturas frásicas, o marcador de negação ‘não’, pode ocorrer no início da frase para negar toda a estrutura (cf.20.a), ou antes do primeiro elemento verbal (cf. 20 b-c).

- (20)
- a. **Não** trabalhes demais.
 - b. O Pedro **não** tem ido às aulas ultimamente?
 - c. A que aula **não** vai o Pedro hoje?
- (MATOS, 2003, p.774).

Além disso, o ‘não’ pode ser redobrado e surgir em posição periférica pós-frásica ou na periferia esquerda da frase (cf. 21 a-b) e não pode ocorrer quando na frase existe um sintagma negativo precedendo o complexo verbal (cf. 21 c-d):

- (21)
- a. Antônio não diria isso à Maria, não!
 - b. Não, não queremos pensar mais nisso!
 - c. Nenhuma criança viu esse filme.
 - d. *Nenhuma criança **não** viu esse filme.
- (MATOS, 2003, p.777).

No nível lexical ou sintagmático, o ‘não’ ocorre precedendo o sintagma (cf. 22 a) ou a palavra negada (cf. 22 b):

- (22) a. Ele foi ao teatro e **não ao cinema**.
 b. O pessoal **não-docente** foi convocado para uma reunião especial.
 (MATOS, 2003, p.778).

(ii) Colocação do sem

O ‘sem’ funciona como um complementador que nega a frase subordinada que introduz, não admitindo nenhum outro marcador de negação em seu domínio (cf. 23 a-b) e como uma preposição de sentido negativo (cf. 23 c).

- (23) a. Ele saiu de casa **sem** a Ana ter reparado nisso.
 b. *Ele saiu de casa **sem** a Ana **não** ter reparado nisso.
 c. Os alunos resolveram os exercícios **sem** a ajuda do professor.
 (MATOS, 2003, p.778).

No caso de frases subordinantes, a presença do marcador de negação é permitida (cf. 24 a), porém a sua coocorrência com ‘sem’ produz um efeito de cancelamento da negação (cf. 24 b).

- (24) a. Ele **não** saiu de casa **sem** a Ana ter reparado nisso.
 b. Ele saiu de casa, tendo a Ana reparado nisso.
 (MATOS, 2003, p.779).

Nos casos de negação sintagmática, o ‘sem’ precede o sintagma negado e ocorre como núcleo do sintagma preposicional (cf. 25 f).

- (25) Ele fez o trabalho [**SP sem [ajuda de Paulo]**] (MATOS, 2003, p. 779).

iii. O Nem coordenativo

Em uma coordenação, o **nem** possui duas funções: conjunção (cf. 26 a) e marcador de negação, podendo ser parafraseado por ‘e não’ (cf. 26 b).

- (26) a. Não fomos **nem** ao cinema **nem** ao teatro.
 b. Eles não leram o jornal **nem** viram o filme.
 (MATOS, 2003, p.772).

Ao coordenar sintagmas, que não envolvem o núcleo verbal, o **nem** não pode existir junto com o **não** (27 a). E quando não é uma conjunção de coordenação, ele age como modificador dos advérbios **mesmo** e **sequer**, encontrando-se algumas vezes subentendido no último caso (cf 27 b-c).

- (27) a. *Não fomos nem ao cinema e não ao teatro.
 b. Eles não fizeram festa de aniversário, por isso nem sequer/nem mesmo o Paulo foi convidado!
 c. Podes gritar à vontade, pois eu nem te ouço! (nem = nem sequer)
 (MATOS, 2003, p.772).

A valoração da polaridade negativa dos quantificadores indefinidos, sobretudo a dos que Brito (2003) chamou de existenciais, mas também a dos pronominais, dependiam da presença na sentença de um destes três marcadores de negação: (i) o sentencial, (ii) o preposicional e o (iii) conjuncional no PA e PCL, como veremos a seguir na subseção 2.2 que apresenta investigação específica sobre o tema e nas discussões dos resultados na seção 4. No PE e no PB, como vimos nas gramáticas aqui revisitadas, não existe mais esta dependência, sendo os quantificadores indefinidos intrinsecamente negativos ou positivos. Veremos na seção 4 que a estrutura [N + algum] nos documentos Brasileiros do século XIX também é sempre acompanhada de um destes marcadores de negação, repetindo o que se observa nos textos representativos do PCL.

De acordo com Martins (2016), em meados do séc. XVI, itens de polaridade negativa, tais como ‘nada’, ‘nenhum’, ‘ninguém’ e ‘jamais’, coocorrem com o marcador de negação predicativa ‘não,’ e isso é independente de sua posição em relação ao verbo, pois é com o marcador de negação predicativa ‘não’ que eles estabelecem uma relação de concordância negativa. Nesse período, minimizadores como o ‘rem’, ‘cousa’, ‘homem’, ‘al’, e ‘parte’ eram incluídos entre os itens de polaridade negativa e sua interpretação polar dependia do contexto frásico no qual estivesse inserido. Na subseção que se segue (2.2) apresentaremos referencial específico relacionado a polaridade dos indefinidos na história da língua, seu valor positivo ou negativo e as alterações no tempo.

2.2 Os Indefinidos na diacronia da língua portuguesa

Elia (1998, p. 34) afirma que nenhum dos pronomes indefinidos negativos, do português, procedem diretamente das formas latinas e para exemplificar descreve o ‘ninguém’, que não provém de ‘*nemo*’, e sim de ‘*ne*’ (quem). O mesmo ocorre em outras línguas românicas, como o caso do espanhol, em que ‘*ninguno*’ provém de ‘*nec unu*’ e no francês em que ‘*personne*’ (persona) é acompanhada da negativa ‘*ne*’. Confirmando que os pronomes negativos, ou palavras negativas (*n-words*) sofreram modificações na diacronia da língua.

De acordo com Zanuttini (1991), o português antigo é considerado uma língua de concordância negativa e dois elementos negativos em uma frase não conseguem se anular,

sendo assim, itens de polaridade negativa (IPN) ocorrem com um marcador de negação pré-verbal (cf. 28 a) e no português contemporâneo, passam a poder ocorrer sozinhos em posição pré-verbal e negar a sentença (cf. 28 b).

- (28) a. Ele não fez coisa alguma.
 b. Coisa alguma fizeram aqui.

Martins (1997, 2000) apresenta uma conjugação de traços que permitem a compreensão da polaridade dos itens, tanto para positivos quanto negativos. Baseando-se nisso, Pinto (2015) classifica os itens, observando que cada um dos traços pode ser catalogado como especificados [+] ou subespecificado, os quais podem ser variáveis [α] ou não variáveis [0]. A leitura dos traços e seus valores permitem distinguir os itens de polaridade fortes dos que apresentam polaridade fraca, pois enquanto o item de polaridade forte apresenta um dos traços com valor especificado e, não possui traços com valores de subespecificação variável, o item de polaridade fraca exhibe, no mínimo, um valor subespecificado variável e nenhum traço com valor especificado.

Quadro 2 – Análise de polaridade do Indefinido ‘algum’

TRAÇOS	ESPECIFICADO	SUBESPECIFICADO	RESULTADO
Afirmativo	0		Item de polaridade fraca
Negativo		α	
Modal		α	

Fonte: Adaptado de Pinto (2015).

No português antigo, os indefinidos negativos apresentavam-se como itens de polaridade fracos (cf. quadro 2), podendo ocorrer em contextos negativos ou modais, e devido a isso necessitavam da legitimação por parte de um marcador de negação regular para serem interpretados como negativos. Segundo Martins (2016), a coocorrência do marcador de negação sentencial ‘não’ e indefinidos negativos torna-se opcional em fases mais recentes da língua (século XIX), pois estes passam a itens de polaridade negativa capazes de expressar sozinhos sua negação, ou seja, passam a ser um item de polaridade forte, especificado para a negação.

Ao tratar dos quantificadores indefinidos ‘nenhum’ e ‘algum’, Martins (2016), descreve que, no português médio, houve uma separação sobre os contextos nos quais passaram a ocorrer, resultando em uma distribuição complementar, em que ‘algum’ é registrado em contextos afirmativos (assertivos) e modais (contextos negativos fracos) e ‘nenhum’ está nos contextos estritamente negativos, diferentemente do PA em que ambos eram subespecificados

para o traço de negação/afirmação. O desenvolvimento dos itens de polaridade negativa no português parece acompanhar o de outras línguas românicas como o espanhol, permitindo algumas evoluções síncronas. Um exemplo seria o fato de o português (cf. 29 a) e o espanhol (cf. 29 b) evoluírem de forma mútua ao associarem a posição pós-nominal, do quantificador indefinido ‘algum’, a um modificador negativo, fato não permitido no português medieval.

E enquanto o espanhol não permitiu a evolução do algum em posição pós-nominal, para um item de polaridade negativa forte (IPN), a estrutura [N + algum], no português, evoluiu e o tornou capaz de exprimir a negação sem estar sob o escopo de um operador de negação predicativa (cf. 30 a-b).

- (29) a. Não vi coisa alguma. (Português Contemporâneo)
 b. Não aconteceu coisa alguma. (Espanhol Contemporâneo)
- (30) a. Coisa alguma aconteceu. (Português)
 b. *Coisa alguma aconteceu. (Agramatical em Espanhol)

Tal evolução é descrita por Pinto (2015), segundo a autora, por meio da especificação de traços (cf. MARTINS, 1997, 2000), os indefinidos *nada*, *nenhum* e *ninguém* passaram a exibir o traço negativo [+ neg], não mais o traço subespecificado com valor variável [α], deixando assim de ocorrer em contextos modais. Sobre o indefinido ‘algum’, Martins (2015) descreve que a partir do século XVIII, ocorre uma transformação de polaridade quando em posição pós-nominal, conferindo ao ‘algum’, em alguns contextos, o mesmo tipo de contraste interpretativo e gramatical que o item ‘ninguém’ em contextos pós-verbais (cf. 31 a-b), e em contextos pré-verbais (cf. 31 c-d).

- (31) a. Não vive aqui ninguém.
 b. Não vive aqui animal algum.
 c. Ninguém vive aqui.
 d. Animal algum vive aqui.
 (MARTINS, 2015, p. 403)

Ao dar continuidade com a descrição da sequência invertida [N + algum], Martins (2015) descreve o bloqueio da flexão de número (cf. 32 a) e a obrigatoriedade de adjacência entre o quantificador indefinido e o nome (cf. 32 b).

- (32) a. *Animais alguns vivem aqui.
 b. *Animal selvagem algum vive aqui.
 (MARTINS, 2015).

Ao voltar a tratar sobre o português e o espanhol, Martins descreve que apesar de serem similares, a inversão nominal negativa com algum/alguno não tem as mesmas propriedades nas duas línguas, pois a sequência invertida [N+alguno], no espanhol, precisa ocorrer sob o escopo da negação para ser legitimada (cf. 33 a), não pode ocorrer antes do verbo exigindo sempre a presença do marcador de negação predicativa (cf. 33 b-c) ou de um outro operador que crie o contexto negativo apropriado (cf. 33 d), contrastando com o português, que permite de casos sem o escopo da negação (cf. 34 a-b)

- (33) a. *No he visto película alguna esta semana.*
 b. **Ayuda alguna fue necesaria.*
 c. *No fue necesaria ayuda alguna.*
 d. *A los ricos los dejó **sin** cosa alguna.*

- (34) a. Ajuda alguma foi necessária.
 b. Aos ricos, coisa alguma desejo.

Os contrastes observados são descritos por Martins (2015) como resultado da distribuição sintática dos nomes nus, os quais não possuem determinante visível, pois, como o [N + *alguno*], eles são registrados em posição pós-verbal nas línguas românicas. Longobardi (1994 *apud* MARTINS, 2015) sugere que assim como os nomes nus a distribuição sintática mais limitada do espanhol [N + *alguno*], em contraste com o português [N + *algun*], pode ocorrer devido a necessidade da legitimação do núcleo D (Determinante) nulo na estrutura. E como o português não se submete às restrições de posicionamento oracional como o espanhol, pode ser esse o indicativo que no português há movimento sintático de Neg para D, ocasionando a incorporação da unidade [N + *alguno*] no núcleo D.

Martins (2015) destaca o bloqueamento da flexão de plural na inversão nominal negativa em ambas as línguas (cf. 35 a-b) como característica importante para entender a natureza da estrutura.

- (35) a. **No hay soluciones algunas para ese dilema.*
 b. **Não há soluções algumas para esse problema.*

Para a autora, o bloqueio para o plural destas construções e a necessidade de ocorrerem amalgamadas sugere que tais construções são derivadas por processo de incorporação, sendo [N + *algun*] a realização de uma unidade complexa que se comporta como uma única palavra negativa.

Martins (2015) argumenta que no português europeu contemporâneo (PE), o indefinido “algum” apresenta polaridade positiva fraca e ao ser realizado em estrutura pós-nominal [N + algum], realiza, juntamente com o núcleo nominal, um item de polaridade negativa (IPN) com polaridade negativa forte, assim como [N + nenhum] (36 a-b).

- (36) a. **Animal algum** vive aqui.
b. Animal **nenhum** vive aqui.

Segundo a autora, o IPN com o indefinido algum em português também não admite a pluralização do sintagma nominal na inversão nominal negativa (cf. 37 a), embora estruturas com o indefinido pré-nominal a admitam (cf. 37 b).

- (37) a. *Animais alguns vivem aqui.
b. Alguns animais vivem aqui.
(MARTINS, 2015, p. 4).

A hipótese defendida por Martins (2015) consiste no fato da flexão de plural ser bloqueada quando há formação do IPN [N + algum], pois segundo a autora, quando o NegP faz parte do DP, o Pl(ural)P não é projetado.

Em síntese, as características do IPN [N + algum/a] observadas por Martins (2015) foram: (i) na posição pré-verbal, a sequência invertida [N + algum] assegura, só por si, a interpretação negativa da frase (38 a) e não pode coocorrer com o marcador de negação sentencial ‘não’, quando em posição pré-verbal (38 b), e, (ii) há obrigatoriedade de adjacência entre o quantificador indefinido e o nome (38 c), pois quando ocorre um termo entre os itens, a sentença se torna agramatical (38 d).

- (38) a. **Homem algum** vive aqui.
b. *Homem algum **não** vive aqui.
c. **Animal algum** vive aqui
d. *Animal do deserto algum vive aqui.

Com relação aos indefinidos negativos pós-verbais, Martins (1996, 2000) descreve que tanto o indefinido negativo ‘ninguém’ como a sequência invertida [N+algum], podem coocorrer com o marcador de negação predicativa mesmo sendo inerentemente negativos. Essa coocorrência era obrigatória no PA (MARTINS, 2000) e deixa de ser no século XIX com a gramaticalização da estrutura [N + algum] como um IPN, explicado por um processo de

incorporação do Nome e do Indefinido em um núcleo negativo nulo na estrutura funcional do DP.

O paralelismo entre o [N + algum] e o [N + nenhum] foi objeto de estudo para Martins (2015) que, analisando o percurso das construções do português clássico ao contemporâneo, constatou a existência de uma concorrência entre o indefinido “nenhum” e o quantificador indefinido “algum” em posição pós-nominal, entre os séculos XVIII e XIX, com prevalência do ‘algum’ em posição pós-nominal, mas com um aumento no século XIX das estruturas [N + nenhum], fato que, para a autora, é indício de que também a estrutura [N + nenhum] se gramaticalizou em IPN seguindo os mecanismos que levaram à gramaticalização de [N + algum].

De acordo com Martins (2015, p. 13-14), os dados parecem indicar que na etapa final do processo de gramaticalização, a inversão nominal negativa se alargou de *algum* a *nenhum*”. Para a autora, numa “possível interpretação dos dados empíricos, o processo de inversão nominal negativa será uniforme, sendo a diferença entre [N+algum] e [N+nenhum] superficial.” A diferença reside no fato de que no primeiro caso o núcleo Neg não possui expressão fonológica, enquanto que no segundo caso os traços do núcleo Neg se realizariam sob a forma de um morfema negativo ligado ao quantificador indefinido.

Veremos, na seção 4 desta dissertação, que os dados levantados nesta pesquisa corroboram algumas hipóteses e demonstram que na diacronia da língua a estrutura [N + algum] não constitui um amálgama, um IPN como no PE atual, uma vez que há a possibilidade de flexão no plural e não adjacência entre o substantivo e o indefinido pós-nominal.

Nessa seção, descrevemos os indefinidos nas gramáticas e discorremos de forma específica sobre os indefinidos ‘nenhum’ e ‘algum’ na história da língua, revisitando os trabalhos de Martins (1997, 2000, 2015) e Pinto (2015). Na seção 3, que se segue, apresentaremos o corpus e a metodologia.

3 CORPUS E METODOLOGIA

“O conhecimento científico é independente dos conhecimentos da fé
que são imutáveis, a fé nos faz dizer creio, e a ciência, sei”
Blaise Pascal

Na seção anterior descrevemos os indefinidos nas gramáticas e discorremos sobre as pesquisas de Martins (1997, 2000, 2015) e Pinto (2015), objetivando a visualização adequada sobre o nosso objeto de pesquisa [N+ algum]. Nesta seção, apresentaremos os *corpora* (*Corpus Tycho Brahe* e DOViC) e a metodologia da presente pesquisa para atender aos objetivos delineados na introdução e retomados aqui.

O objetivo geral deste trabalho foi analisar, partindo do quadro teórico da gramática gerativa, as estruturas sintáticas que registram a ocorrência do [N+ algum/a], em perspectiva diacrônica comparada, em textos de autores portugueses nascidos dentre o século XVI e XIX, contemplando o português clássico (século XVI e XVII) e o período posterior (século XVIII e XIX), que formou o PE, e em textos brasileiros do século XIX.

Para alcançar o nosso objetivo, utilizamos como *corpus* da pesquisa textos do *corpus Tycho Brahe* e do *corpus* DOViC, tendo como objetivos específicos:

1. Levantar as ocorrências com os pronomes indefinidos ‘algum/a’ e ‘nenhum/a’ nas estruturas [N+algum/a], [Algum/a+N] e [N + nenhum/a], [nenhum/a + N] no *corpus Tycho Brahe* e no *corpus* DOViC (Documentos Oitocentistas de Vitória da Conquista);
2. Analisar e descrever as estruturas nominais e o contexto sintático em que o valor positivo e/ou negativo dos indefinidos ‘algum/alguma’ é atestado, com o intuito de verificar a hipótese de IPN para a estrutura em que o indefinido aparece posposto ao nome substantivo nos dados diacrônicos;
3. Comparar os dados extraídos dos *corpora Tycho Brahe* e DOViC considerando o tempo (século XVI ao XIX) e o espaço (Portugal, Brasil) com os dados do Português Europeu (PE) descritos por Martins (2015).

Para atender aos objetivos específicos, selecionamos as seguintes estruturas nos textos: ‘algum/a’ e ‘nenhum/a’ em posições pré-nominais e pós-nominais formando as sequências: (i) [N+algum/a], (ii) [Algum/a + N], (iii) [N + nenhum/a], (iv) [nenhum/a + N].

A consulta no *corpus* DOViC foi realizada através da ferramenta computacional *WebSinC* (COSTA, 2015), a qual viabilizou buscas automáticas por categoria e ordem nos

textos disponibilizados com anotação na aplicação *web* do *corpus*. O *Corpus* DOVIC é um *corpus* digital de documentos manuscritos dos séculos XVIII e XIX, guardados em arquivos do Fórum de Vitória da Conquista-Bahia, os quais foram catalogados, transpostos para o ambiente digital e compilados como *corpus* seguindo o método LAPELINC (SANTOS; NAMIUTI, 2014).

No *corpus* *Tycho Brahe* a busca foi realizada de forma automática, com o uso da ferramenta *Corpus Search*, que foi criada para encontrar estruturas linguísticas em *corpora* anotados. Os dados resultantes das buscas foram organizados por século (a partir da data de nascimento do autor), distinção entre Português Europeu (PE) e Português Brasileiro (PB), e por fim analisados e descritos com base na sequência sintática em que se apresentam.

Para a descrição dos dados foram considerados os seguintes fatores: **(i)** polaridade do indefinido na ordem linear do sintagma, **(ii)** posição do indefinido em relação ao nome no sintagma nominal, **(iii)** posição do indefinido em relação ao verbo, **(iv)** relação do NP contendo o indefinido com o verbo na sentença e **(v)** se o dado está no escopo de um item negativo ou do marcador de negação sentencial ‘não’.

Na subseção 3.1, apresentaremos o *corpus* *Tycho Brahe* e o *corpus* DOViC detalhando sua composição e características. Na subseção 3.2, discutiremos sobre a metodologia aplicada para o levantamento, classificação e análise dos dados.

3.1 *Corpus* da Pesquisa

Nesta seção descrevemos os *corpora* CTB e no DOViC e apresentaremos os textos selecionados para a pesquisa.

3.1.1 *Corpus* *Tycho Brahe*

O projeto temático *Rhythmic patterns, parameter setting, and language change* (GALVES *et al.*, 1998), organizado por Galves¹³, foi o ponto de partida para a construção do *Corpus* *Tycho Brahe* (CTB), e o seu acervo foi expandido, no tempo e no espaço, no desenvolver de projetos temáticos¹⁴ subsequentes. Atualmente é o maior *corpus* histórico do

¹³ Galves (1998).

¹⁴ Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros & Mudança Linguística (1998-2003); Padrões Rítmicos, Fixação de Parâmetros & Mudança Linguística, Fase 2 (2004-2008); O português no tempo e no espaço: contato linguístico, gramáticas em competição e mudança paramétrica. (desde 2012).

português anotado e as obras que compõem seu acervo foram organizadas com base na data de nascimento dos autores, abrangendo o período dos séculos XIV e XX, os quais possuem diferentes nacionalidades, sendo autores portugueses, brasileiros ou africanos. Os textos disponibilizados recebem anotação morfológica e sintática. Tal procedimento ocorre após a transcrição, que é a reprodução do texto original para o meio digital. O texto se torna um arquivo que é salvo no formato de texto simples (doravante TXT). Em seguida passa pelas fases de edição e anotação morfológica e sintática.

Com o auxílio da ferramenta E-Dictor¹⁵, as fases denominadas transcrição, edição e anotação morfológica são realizadas. Nessas etapas as anotações acerca da estrutura, formatação dos textos, interferências de edição de grafia, segmentação e informações linguísticas no nível morfológico são registradas e integradas ao arquivo. Informações relevantes para pesquisas, como nome dos autores e data de seu nascimento e/ou morte, ano de publicação do documento, gênero do documento, dados sobre edição e editores, créditos do trabalho de edição e correção da anotação morfológica também são informados nos metadados do corpus.

A escolha da estrutura XML é feita por permitir que todas as anotações sejam realizadas e guardadas em camadas em um único arquivo gerado pela ferramenta de edição E-Dictor, que é um marcador de extensão XML.

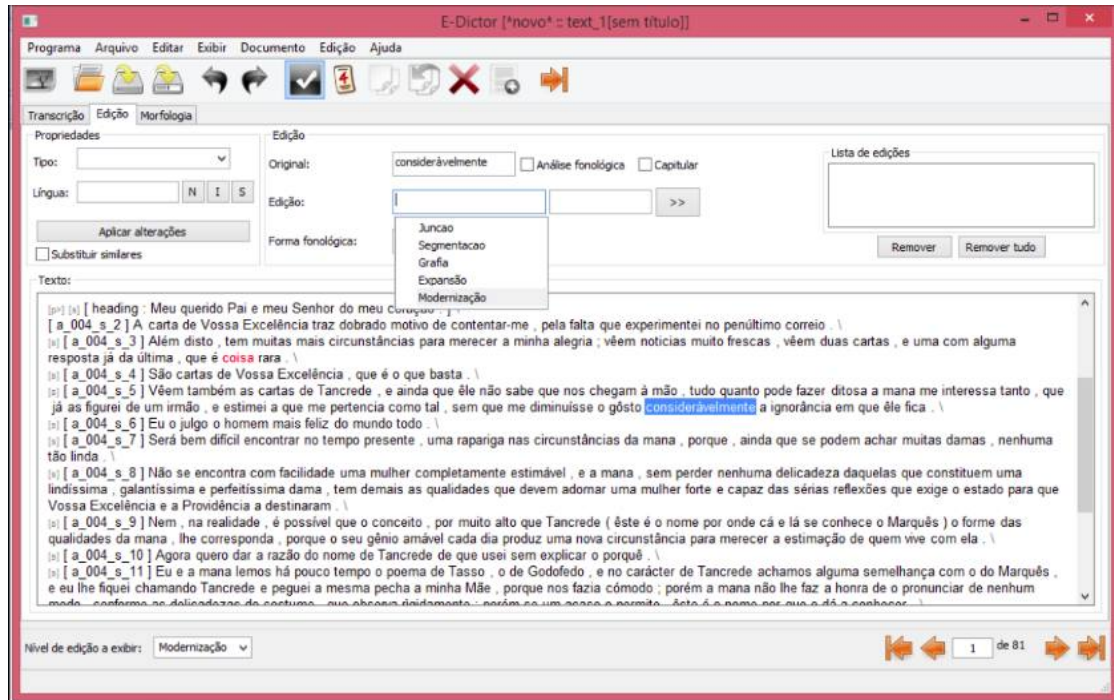
Por disponibilizar em seu *corpus* textos antigos, o CTB visa manter as características gráficas e grafemáticas originais do texto. No entanto, tais características dificultam o processamento computacional posterior à etapa de transcrição. Devido a isso, os textos são editados, ocasionando interferências maiores que as aceitáveis em edições semi-diplomáticas¹⁶, e como solução para esse possível problema para as pesquisas, o projeto “Memórias do Texto” (PAIXÃO DE SOUSA, 2006) definiu um sistema de anotação que viabiliza a análise linguística por ferramentas computacionais e preserva as informações filológicas fundamentais no *corpus* *Tycho Brahe*. Esse sistema de anotação codifica todo o texto com etiquetas XML para as estruturas variantes, permitindo o controle e o mapeamento de possíveis intervenções realizadas nos documentos, resultando na possibilidade de recuperação dos textos em sua forma original ou com edições realizadas. Tais intervenções funcionam, devido ao sistema adotado, “como uma anotação em camadas sucessivas: ainda depois da aplicação de novas informações num texto de base, é possível distinguir as diferentes camadas do texto” (COSTA, 2015), resultando

¹⁵ Editor de marcação extensível XML (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER; FARIA, 2009).

¹⁶ Versão de texto no qual ocorre uma modernização tipográfica ou grafemática (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER; FARIA, 2009).

na possibilidade de recuperação do texto em diferentes versões (cf. figura 1 extraída de COSTA, 2015).

Figura 1 – Edição de texto na ferramenta E-Dictor

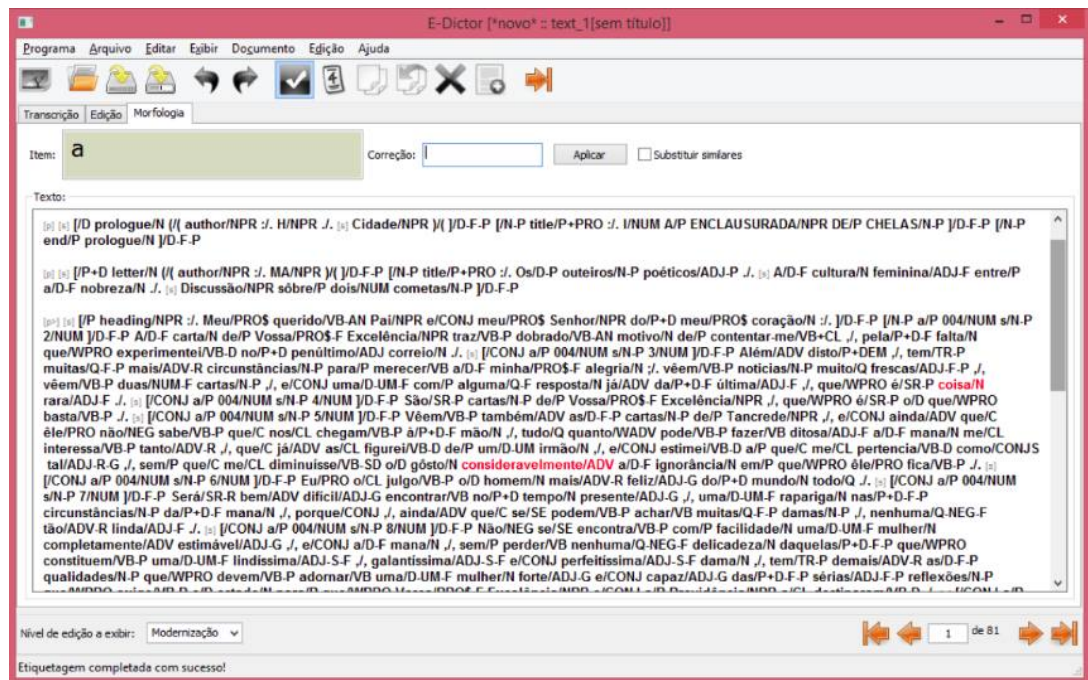


Fonte: Paixão de Sousa (2007a *apud* COSTA, 2015).

Durante essa etapa o arquivo XML, com as anotações de edições geradas pelo E-Dictor, é salvo na estrutura de arquivos do computador e todas as modificações são registradas nele.

As versões dos arquivos são disponibilizadas após serem submetidas a um conjunto de etiquetas morfológica para o português (FINGER e GALVES, 1998 *apud* COSTA, 2015) viabilizando a versão morfológica no E-Dictor (cf. figura 2) e oferecendo em sua versão a possibilidade da recuperação de informações filológicas e linguísticas do texto, resultando na viabilidade de pesquisas em diversas áreas.

Figura 2 – Texto em versão morfológica na ferramenta E-Dictor



Fonte: Costa (2015).

A versão do arquivo com a estrutura sintática não é realizada pelo programa E-Dictor (versão 1.0 beta 10), mas sim por um *parser*¹⁷ que recebe como entrada um arquivo de texto (.txt) anotado no formato POS¹⁸, com as etiquetas morfológicas gerando um outro arquivo texto como saída (cf. figura 3).

¹⁷ O parser é uma ferramenta de anotação sintática (SANTORINI, 2010; MARCUS; TAYLOR, 2002).

¹⁸ Anotação por categorias de palavras.

Figura 3 – Exemplo de anotação sintática com trecho do texto de Matias Aires (1705) anotado com o parser da Pensilvânia após revisão manual

```
( (CODE <P_03>))
( (IP-MAT (NP-SBJ *pro*)
  (NP-VOC (NPR Senhor))
  (, :)
  (VB Ofereço)
  (PP (P a)
    (NP (PRO$-F Vossa) (NPR Majestade)))
  (NP-ACC (D-F-P as)
    (NPR-P Reflexões)
    (PP (P sobre)
      (NP (D-F a)
        (N vaidade)
        (PP (P de@)
          (NP (D-P @os) (N-P homens))))))
  (. ;)) (ID A_001_PSD,03.1))
( (IP-MAT (NP-SBJ (DEM isto))
  (SR-P é)
  (NP-ACC (D o)
    (ADJ mesmo)
    (CP-CMP (WNP-4 0)
      (C que)
      (IP-SUB (NP-ACC *T*-4)
        (NP-SBJ *exp*-5)
```

Fonte: Galves, Andrade e Faria (2017).

Os textos que compõem o CTB, estão disponíveis em diferentes formatos: versões para leitura (com transcrição conservadora e modernizada), e versões com anotação linguística (morfológica e sintática).

Tendo em vista analisar o período que concerne à nossa pesquisa, organizamos um quadro (cf. quadro 3) com a apresentação do CTB em números, no qual registramos a quantidade de autores e sua nacionalidade, textos analisados e o período, entre os séculos XVI e XIX, baseados na data de nascimento do autor, com exceção dos documentos escritos por várias mãos com indicação de período de tempo em que foram escritos, como se verifica no quadro 4. Os textos utilizados foram escolhidos por registrarem dados de [N + algum] e enquadrarem-se no período relevante para a pesquisa.

Quadro 3 – Dados quantitativos do *corpus Tycho Brahe*

DADOS QUANTITATIVOS DO <i>CORPUS TYCHO BRAHE</i>		
Século	Quantidade de textos ¹⁹	Nacionalidade
XVI	09	Portuguesa
XVII	13	Portuguesa
XVIII	10	Portuguesa
XIX	12	06 portugueses e 06 brasileiros
TOTAL DE TEXTOS ANALISADOS 44		

Fonte: Elaboração própria (2020).

Quadro 4 – *Corpus Tycho Brahe*: textos utilizados na pesquisa

(continua)

Código	Autor	Data-Nasc. Período de escrita	Nacionalidade	Título do texto
P_001	Fernão Mendes Pinto	1510	Português	Perigração
H_001	Francisco de Holanda	1517	Português	Da pintura antiga
C_007	Diogo do Couto	1542	Português	Décadas
S_001	Luis de Sousa	1556	Português	A vida de Frei Bertolameu dos Mártires
L_001	Fernao Rodrigues Lobo	1579	Português	Côrte na Aldeia e Noites de Inverno
G_001	Manuel de Galhegos	1597	Português	Gazeta
G_008	Pero M. de Gandavo	1540	Português	História da Província de Santa Cruz
C_010	Antonio R. Chiado	1520	Português	Teatro
F_002	Antonio Ferreira	1528	Português	Teatro
C_006	Manuel da Costa	1601	Português	A arte de furtar
M_003	Francisco Manuel de Melo	1608	Português	Cartas familiares
V_002	Antonio Vieira	1608	Português	Cartas do Pe. Antonio Vieira
V_004	Padre A, Vieira	1608	Português	Sermões do Pe. Antonio Vieira
C_003	Antonio das Chagas	1631	Português	Cartas Espirituais
B_003	Manuel Bernardes	1644	Português	Nova Floresta
B_001	Andre de Barros	1675	Português	Vida do apostólico padre Antonio Vieira

¹⁹ Nomeamos por texto, porém no CTP temos autores que podem conter mais de um texto.

(continuação)

Código	Autor	Data-Nasc. Período de escrita	Nacionalidade	Título do texto
B_008	José Cunha Brocado	1651	Português	Cartas
C_002	Maria do Céu	1658	Português	Vida e Morte de Madre Helena da Cruz
A_005	Jeronimo Contador de Argote	1676	Português	Regras da Língua Portuguesa
M_010	António de Sousa de Macedo	1606	Português	Mercúrio Português
R_001	Manoel Coelho Rebelo	1625	Português	Musa Entretenida de Vários Entremezes
S_005	Nuno Nisceno Sutil	1675	Português	Musa Jocosa de Vários Entremezes Portugueses e Castelhanos
C_001	Cavaleiro de Oliveira (Fco Xavier)	1702	Português	Cartas, Cavaleiro de Oliveira
A_001	Matias Aires	1705	Português	Reflexões sobre a Vaidade dos Homens
V_001	L. Antonio Verney	1713	Português	Verdadeiro Método de Estudar
C_004	Antonio da Costa	1714	Português	Cartas
C_005	Jose Daniel Rodrigues da Costa	1757	Português	Seis Entremezes de Cordel
A_004	Marquesa de Alorna	1750	Português	Cartas
G_002	Correia Garção	1724	Português	Obras Completas, Correia Garção
M_009	Luis Montez Matoso	1701	Português	Folheto de Lisboa
S_004	Antonio José da Silva (o Judeu)	1705	Português	Teatro cômico português
VA_009	Various	~1700-1799	Português	Gazeta de Lisboa
VA_010 *	Various	1788-1829	Brasileiros	Jornais da Bahia
G_003	J. B. da Silva L. de Almeida Garrett	1799	Português	Cartas
G_004	J. B. da Silva L. de Almeida Garrett	1799	Português	Teatro

(conclusão)

Código	Autor	Data-Nasc. Período de escrita	Nacionalidade	Título do texto
G_005	J. B. da Silva L. de Almeida Garrett	1799	Português	Viagens na minha terra
A_003	Marquês de Fronteira e d'Alorna	1802	Português	Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna
B_005	Camilo Castelo Branco	1826	Português	Maria Moisés
O_001	Ramalho Ortigão	1836	Português	Cartas a Emília
VA_004	Various	(~1800-189)	Brasileiros	Cartas Brasileiras: cultos
VA_002	Various	(~1830)	Brasileiros	Atas dos Brasileiros
G_010	Cândido da Fonseca Galvão	1845	Brasileiro	Carbonário: Artigos de D. Obá II
VA_011	Various	1827-1876	Brasileiros	Jornais da Bahia
VA_012	Various	1882-1922	Brasileiros	Jornais da Bahia

Fonte: Elaboração própria (2020).

Consideramos os textos de Almeida Garret no século XIX, uma vez que o autor nasceu em 1799. Utilizamos 6 documentos do Brasil, 3 conjuntos de Jornais da Bahia, Cartas Brasileiras: cultos, Atas dos Brasileiros, Carbonário: Artigos de D. Obá II. O conjunto de Jornais V010 abarca um período que vai desde 1788 a 1829, ou seja, final do século XVIII e início do XIX.

As buscas no CTB foram realizadas utilizando a interface gráfica e manual disponíveis no site. O manuseio da ferramenta e exemplos serão apresentados na seção metodologia da pesquisa (cf. 3.3).

3.1.2 Corpus DOViC

O Corpus DOViC (*Corpus* de Documentos Oitocentistas de Vitória da Conquista) é um *corpus* digital de documentos manuscritos do Português Brasileiro (PB), do século XIX, que vem sendo construído juntamente com o método Lapelinc, os aparatos tecnológicos e as ferramentas, no âmbito dos projetos *Corpora digitais de documentos históricos da imperial Vila da Victoria, atual Vitória da Conquista-bahia: resgate e preservação do patrimônio*

*linguístico e da memória da escravidão na Bahia*²⁰ (SANTOS, 2016), *Do português pré-clássico às variantes modernas. contribuições para o estudo da sintaxe e interfaces*²¹ (NAMIUTI, 2016), *Semântica e memória da escravidão: análise semântica comparativa de sentidos de liberdade em cartas de alforria oitocentistas de Vitória da Conquista-BA e Rio de Contas-BA*²² (SANTOS, 2014), *Memória conquistense: implementação de um corpus digital*²³ (NAMIUTI, 2013), *Sintaxe diacrônica em corpus eletrônico: do português pré-clássico às variantes modernas*²⁴ (NAMIUTI, 2012), *Memória da escravidão baiana: análise semântica comparativa de sentidos de liberdade em cartas de alforria oitocentistas de Vitória da Conquista e Rio de Contas*²⁵ (SANTOS, 2012), *Corpora Digitais Para a História do Português Brasileiro – região Sudoeste da Bahia: Aliança PHPB – Tycho Brahe*²⁶ (SANTOS; NAMIUTI, 2010), e *Memória conquistense: recuperação de documentos oitocentistas para a implementação de um corpus digital* (SANTOS; NAMIUTI, 2009). Os documentos manuscritos que compõem o acervo do *corpus* foram catalogados e arquivados pelos colaboradores dos projetos parceiros supracitados.

No banco de textos do *corpus* DOViC, encontram-se documentos avulsos e livros de notas que datam desde 1841 a 1888 todos provenientes da Imperial Villa da Victoria (atual cidade de Vitória da Conquista). Os textos notariais componentes dos livros são de natureza variada: Cartas de alforria; Testamentos; Procurações; Matrículas de escravos; Escrituras de imóveis; Atas de eleições municipais. Esses documentos serviram de base para a criação e desenvolvimento do *Método Lapelinc* (SANTOS; NAMIUTI, 2009, SANTOS; NAMIUTI 2014, SANTOS; NAMIUTI, 2019, entre outros trabalhos), que foi elaborado com o intuito de atender as especificidades do documento manuscrito e viabilizar o acesso, por meio digital, a textos antigos que possam estar em mau estado de conservação, ou possuir outro tipo de restrição.

Organizado em etapas distintas, o Método Lapelinc parte da consideração de que o uso da fotografia, como um instrumento científico de transposição do texto em papel para o digital, é viável mediante um controle sistemático, ou melhor, cientificamente controlado, em todas as fases da captura da imagem. (NAMIUTI *et al.*, 2013, p. 13).

²⁰ FAPESB APP0014/2016.

²¹ FAPESB APP0007/2016.

²² CNPQ Processo 471753/2014-9.

²³ CNPq 485098/2013-0.

²⁴ FAPESB/UESB 006/2012.

²⁵ FAPESB/UESB 006/2012.

²⁶ FAPESB: 6171/2010.

Esse controle é realizado em cada etapa que integra o Método Lapelinc, são elas: (i) Registro e Controle das informações sobre a fonte original gerando um catálogo de textos; (ii) Captura fotográfica dupla da imagem do original e registro dos dados da coleta; (iii) Catalogação no Banco de dados DOViC das imagens componentes do documento; (iv) Edição das imagens catalogadas para enviá-las para as etapas de compilação do *corpus* (transcrição, edição, anotação morfológica, transformações e *parser*²⁷).

Após a etapa de Edição do texto, em arquivo *XML* (*Extensible Markup Language*²⁸), realizada através da ferramenta *E-Dictor*²⁹ (PAIXÃO DE SOUSA; KEPLER; FARIA, 2009) o texto é integrado ao aplicativo *WebSinc*³⁰ (COSTA, 2015) e vinculado às meta-informações e aos arquivos do Documento Digital Imagem. Na aplicação WebSinc é possível a realização de buscas automáticas baseadas em categorias sintáticas ou morfológicas utilizando a estrutura do XML.

O *corpus* DOViC possui um catálogo de 718 Livros Notariais, designados por Santos e Namiuti (2014, 2016, 2019, 2021) por Documentos Macro (DMas)³¹. Tais documentos pertencem ao 1º Tabelionato de Notas da Imperial Villa da Victória (atual 1º Tabelionato de Notas Paes de Vitória da Conquista-BA). Desse quantitativo, destacam-se 13 Livros de Notas, datados de 1841 a 1890, que contêm documentos notariais variados incluindo as Cartas de Alforria e Testamentos, tipologia de textos selecionada para o *corpus* da pesquisa.

Segundo Santos e Namiuti (2018, p. 8):

Através da Análise Topográfica, foram localizadas 126 cartas de alforria nos 13 livros de Notas de Vitória da Conquista destacados, que foram transpostas para o formato digital, sendo que, destas, trinta (30) já se encontram transcritas e compiladas segundo o método LAPELINC.

²⁷ *Parser* é um software responsável por verificar se uma sequência de símbolos dada como entrada está sintaticamente correta (COSTA, 2015).

²⁸ *XML* é uma linguagem de marcação recomendada para a criação de documentos com dados organizados hierarquicamente, tais como textos, banco de dados ou desenhos vetoriais. É classificada como extensível porque permite definir os elementos de marcação.

²⁹ O E-Dictor é um software com interface gráfica que permite a transcrição, edição e anotação de textos de *corpora*.

³⁰ Websinc é um software construído para disponibilizar o *corpus* DOViC na Internet e fornecer o recurso de buscas automáticas nos textos do *corpus*.

³¹ Documento DMA, segundo Santos e Namiuti (2014).

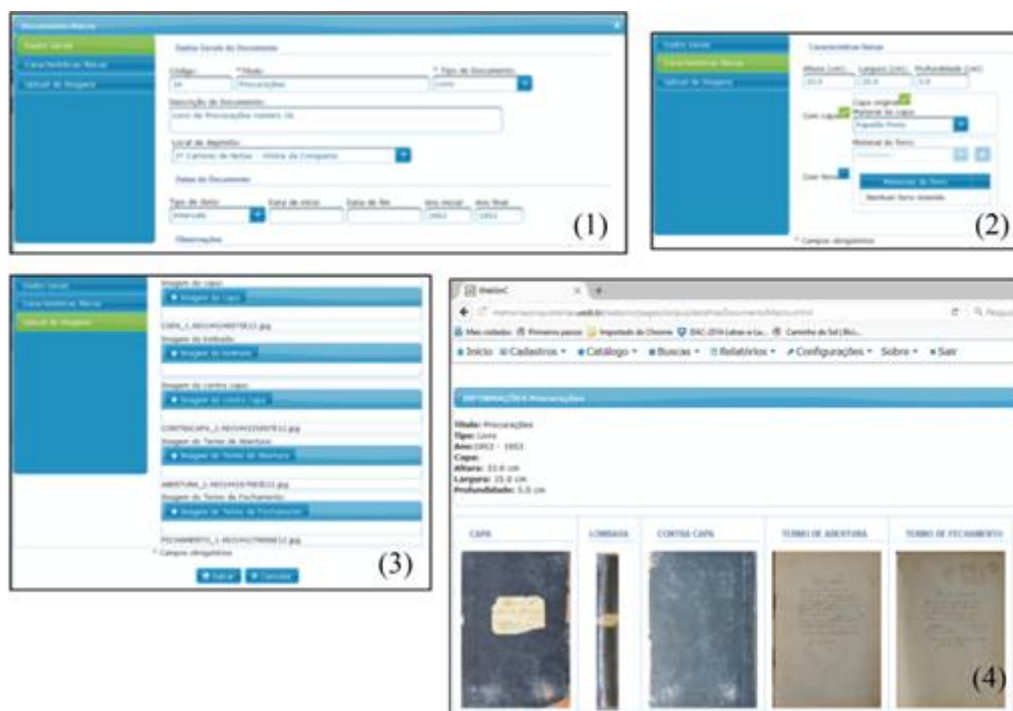
Quadro 5 – Trecho da Análise Topográfica do Livro E6

Documento Número	Cabeçalho	Tipo	Folha-imagem inicial	Folha-imagem final
01	Acta dos [ins...lhação?] do collegio	Ata	005	010
02	Carta de liberdade do Escravo Constatino conferida por seu Senhor Jorge de Oliveira Freitas como abaixo se declara.	Carta de liberdade	010	012

Fonte: Santos e Namiuti (2018) - Corpus DOViC.

Segundo Santos e Namiuti (2017a), no método LAPELINC, “utilizamos os sistemas de gerenciamento para coindexar as informações relacionadas ao objeto livro do mundo físico - o DF - com os objetos que compõem o livro digital”. A figura 4, retirada de Santos e Namiuti (2017a, p. 04) ilustra a tecnologia empregada na coindexação entre o objeto físico: livro notarial manuscrito histórico e o objeto digital: Documento Digital Imagem (DDI) e catálogo visual com parte descritiva e imagética em suporte digital.

Figura 4 – Telas do aplicativo WebSinC, desenvolvido pelo método aplicado, relacionadas ao cadastro de metadados referentes ao DF: (1) dados gerais; (2) características físicas; (3) upload de imagens-chave; e (4) visão do Catálogo Visual gerado pelo aplicativo apresentando as 5 imagens-chave previstas no método como necessárias para caracterização do objeto livro notarial manuscrito histórico no suporte digital.



Fonte: Santos e Namiuti (2017a, p. 1671) *Corpus DOViC* – Livro de Procuções P16.

Segundo os autores, para melhor recuperar as informações contidas no documento original, gerando o Documento Digital Texto (DDT) na integração com o processo de compilação de *corpora*, seguindo o fluxo de trabalho do método LAPELINC. A transcrição paleográfica feita no meio digital deve se beneficiar das soluções técnicas para a edição especializada de textos antigos em meio eletrônico.

A figura 05, extraída de Santos e Namiuti (2017a), ilustra a possibilidade de visão associando o DDI ao DDT na sua forma de transcrição fiel ao texto original.

Figura 5 – Tela de visualização de documentos do WebSinc exibindo a Carta de Liberdade do escravo Francisco – 1883



Fonte: Santos e Namiuti (2017a, p. 1676) *Corpus DOViC*, Livro de Escrituras E14.

Utilizamos como *corpus* da pesquisa 30 Documentos Micro (DMis)³² já editados em XML que compõem a versão Beta do *Corpus DOViC*.

Sendo 25 Cartas de alforria e 05 Testamentos, analisamos e organizamos todos eles de forma quantitativa/qualitativa, seguindo os seguintes critérios: **(i)** Livro de notas; **(ii)** Número do documento; **(iii)** Tipo de documento; **(iv)** Dado **(v)**; Posição do Indefinido, se pré-nominal

³² Documento contido em DMA, segundo Santos e Namiuti, do *corpus DOViC*.

ou pós-nominal; **(vi)** Polaridade, se positiva ou negativa. A relação de dos documentos que serviram de fonte para a pesquisa está apresentada no quadro 6:

Quadro 6 – Corpus DOVIC: textos utilizados na pesquisa

Livro	Documento	Data	Genero do texto
Livro 01	Carta de alforria, n.20	1840 ~	Carta
Livro 02	Carta de alforria, n.2	1840 ~	Carta
Livro 02	Carta de alforria, n.3	1840 ~	Carta
Livro 02	Carta de alforria, n.5	1840 ~	Carta
Livro 02	Carta de alforria, n.12	1840 ~	Carta
Livro 02	Carta de alforria, n.13	1840 ~	Carta
Livro 02	Carta de alforria, n.15	1840 ~	Carta
Livro 02	Carta de alforria, n. 16	1840 ~	Carta
Livro 02	Carta de alforria, n.17	1840 ~	Carta
Livro 11	Carta de alforria, n.79	1840 ~	Carta
Livro 11	Carta de alforria, n.88	1840 ~	Carta
Livro 13	Carta de alforria, n.66	1840 ~	Carta
Livro 13	Carta de alforria, n.67	1840 ~	Carta
Livro 14	Carta de alforria, n.64	1840 ~	Carta
Livro 14	Carta de alforria, n.65	1840 ~	Carta
Livro 15	Carta de alforria, n.62	1840 ~	Carta
Livro 15	Carta de alforria, n.63	1840 ~	Carta
Livro 16	Carta de alforria, n.68	1840 ~	Carta
Livro 16	Testamento, n. 5	1840 ~	Testamento
Livro 16	Testamento, n. 6	1840 ~	Testamento
Livro 16	Testamento, n. 7	1840 ~	Testamento
Livro 16	Testamento, n. 8	1840 ~	Testamento
Livro 21	Carta de alforria, n.92	1840 ~	Carta
Livro 21	Carta de alforria, n.95	1840 ~	Carta
Livro 21	Carta de alforria, n.96	1840 ~	Carta
Livro 21	Carta de alforria, n.97	1840 ~	Carta
Livro 21	Carta de alforria, n.104	1840 ~	Carta
Livro 21	Carta de alforria, n.120	1840 ~	Carta
Livro 21	Carta de alforria, n.125	1840 ~	Carta
Livro 21	Testamento, n. 155	1840 ~	Testamento

Fonte: Elaboração própria.

Esta subseção da seção 3 teve como objetivo descrever os corpora utilizados em nossa pesquisa. Apresentamos a complexidade e abrangência dos dois *corpora* utilizados, CTB e DOVIC, ressaltando sua composição e estrutura. Seguiremos em 3.2 com a descrição da metodologia da pesquisa.

3.2 Metodologia da Pesquisa

Nesta seção descrevemos como foi realizada a busca dos textos pesquisados no CTB e no DOViC e apresentaremos os critérios utilizados para a realização da seleção, classificação e análise dos dados.

3.2.1 Busca automática dos dados

Para realizar o levantamento dos dados, no CTB, manuseamos a ferramenta de busca automática *Corpus Search* (RANDALL, 2005)³³, que foi desenvolvida pelo grupo de pesquisa do Prof. Antony Kroch, na Universidade da Pensilvânia, com o intuito de viabilizar buscas por categorias sintáticas em *corpora* anotados sintaticamente.

Nossas buscas foram realizadas em textos escritos, por autores nascidos entre os séculos XVI e XIX, e para o levantamento dos dados, nos referidos textos, usamos a ferramenta *Corpus Search* disponível em <http://corpussearch.sourceforge.net>.

Buscamos por palavras com etiqueta definida pelo sistema para Nome³⁴ seguida ou precedida por [algum/a] e [nenhum/a], a fim de obtermos mais especificidade para nosso *corpus*, pois apesar de o CTB possuir etiqueta, [quantificador], objetivamos estabelecer a maior seguridade possível dos itens alçados, devido ao fato de o *corpus* exibir outros quantificadores como o “todo”, “cada”, entre outros, quando utilizamos a etiqueta oferecida pelo sistema.

Ao realizarmos as buscas nos textos, formamos as estruturas i. [nome] + [algum], ii. [nome] + [alguma], iii. [algum] + [nome], iv. [alguma] + [nome], v. [nome] + [nenhum], vi. [nome] + [nenhuma], vii. [nenhum] + [nome], viii. [nenhuma] + [nome] como base para a consulta. Essas estruturas foram inseridas no campo de busca e consulta, na interface gráfica do CTB (cf. figura 6).

³³ A ferramenta está disponível eletronicamente em: <http://corpussearch.sourceforge.net>.

³⁴ Para realizar buscas de NP n (nome proprio em plural), N (nome), N-P (Nome em plural).

Figura 6 – Tela da interface gráfica do CTB para consulta gráfica

The screenshot shows the 'Corpus Histórico do Português Tycho Brahe' website. At the top, there is a navigation bar with links: apresentação | atualização | catálogo | manual | créditos | cadastro | pesquisa | questionário de usabilidade **NEW** | English. Below this, the main heading is 'CONSULTA AOS TEXTOS ETIQUETADOS'. There are two dropdown menus: the first contains 'A arte de furtar (Costa, Manuel da)' and the second contains 'Construir consulta graficamente'. Below these is a 'Consulta' section with a toolbar containing icons for selecting a tag, a search icon, a refresh icon, a plus icon, a minus icon, and a help icon. Below the toolbar is a search area with a 'Nome' input field, a '>>' button, and a 'algum' dropdown menu. At the bottom of the search area is a checkbox labeled 'Considerar a vírgula em relações de precedência imediata' and a 'SUBMETTER CONSULTA' button.

Fonte: Imagem da tela de busca da interface gráfica da ferramenta *Corpus Search* disponibilizada no site do corpus Tycho Brahe.

A pesquisa através da interface gráfica, desenvolvida na UNICAMP pelo pesquisador do projeto Tycho Brahe Pablo Faria para a utilização da ferramenta Corpus Search, evita a necessidade de o usuário instalar a ferramenta em seu computador, e o conhecimento para o manuseio não necessita ser tão específico, facilitando assim o acesso a alguns recursos da ferramenta Corpus Search. Outra forma de pesquisa na interface do site é a consulta manual, que permite ao usuário com um conhecimento maior sobre a linguagem da ferramenta, realizar uma busca mais específica ou com mais possibilidades (cf. figura 7).

Figura 7 – Tela da interface gráfica do CTB do CTB para consulta manual

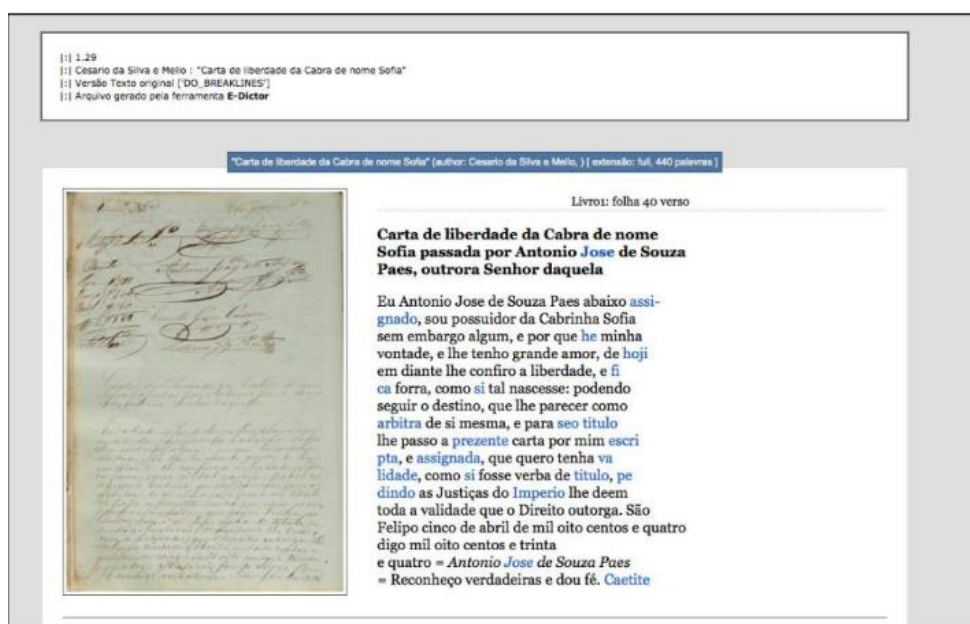
The screenshot shows the 'Corpus Histórico do Português Tycho Brahe' website. At the top, there is a navigation bar with links: apresentação | atualização | catálogo | manual | créditos | cadastro | pesquisa | questionário de usabilidade **NEW** | English. Below this, the main heading is 'CONSULTA AOS TEXTOS ETIQUETADOS'. There are two dropdown menus: the first contains 'A arte de furtar (Costa, Manuel da)' and the second contains 'Escrever busca manualmente'. Below these is a 'Consulta' section with a large text input field containing the search query 'N|N-*|NPR* precedes Q-NEG'. Below the input field is a link labeled 'Pré-definições' with the text 'Para informações sobre a sintaxe da busca, ver o Manual do CorpusSearch.' At the bottom of the search area is a checkbox labeled 'Considerar a vírgula em relações de precedência imediata' and a 'SUBMETTER CONSULTA' button. At the very bottom, there is a link labeled 'Consultas pré-definidas'.

Fonte: Imagem da tela de busca da interface gráfica da ferramenta *Corpus Search* disponibilizada no site do corpus Tycho Brahe.

Realizamos a busca dos dados no *corpus Tycho Brahe*, com o auxílio das duas formas disponíveis no site, resultando em um quantitativo de 2.978 dados entre os séculos XVI e XIX que foram novamente filtrados/selecionados com a classificação manual.

Para os textos do *corpus DOViC*, após serem submetidos ao Método LaPeLinC³⁵ (SANTOS; NAMIUTI, 2009), e passarem pelas etapas de transposição e transcrição ganham o formato digital de texto simples (TXT). Para alcançar esse formato, são utilizadas as ferramentas computacionais de edição, anotação linguística e gerenciamento de informações, tais como o E-Dictor. Nosso acesso aos documentos foi realizado por meio da ferramenta E-Dictor após a transcrição dos textos e geração do arquivo html (cf. figura 8), e pelo aplicativo WebSinC (NAMIUTI; SANTOS; COSTA, 2015) – criado para o trabalho de registro, armazenamento, disponibilização, visão e busca desses dados em *corpora* cientificamente controlados.

Figura 8 – Imagem de uma carta de alforria transcrita e editada com uso da ferramenta E-Dictor



Fonte: Costa (2015, p. 94).

De maneira semelhante à interface gráfica de *Corpus Search*, o aplicativo WebSinc nos possibilita a busca por meio de classes lexicais, sintagmas ou palavras. A figura 9 ilustra a interface da busca que é construída por blocos recursivos:

³⁵ Método científico criado para o *corpus DOViC* a fim de gerar documentos originais em formato de imagem digital.

Figura 9 – Tela de buscas sintáticas do WebSinC com dois argumentos (blocos)

Fonte: Costa e Namiuti (2021, p. 42).

O sistema de edição e anotação morfológica do *corpus* DOViC é o mesmo do CTB e, uma vez que não há no sistema uma etiqueta específica para os indefinidos em questão, optamos por realizar as nossas buscas tendo como um dos argumentos a palavra específica “algum”, “alguns”, “alguma”, “algumas”, “nenhum” ou “nenhuma”.

As buscas nos textos que não estavam disponíveis no websinc (por estarem em fase de transcrição ou revisão) foram realizadas de forma manual, diretamente no E-Dictor, por meio da leitura dos textos e elaboração de tabelas para registro dos dados.

Como resultado das buscas no *corpus* DOViC alcançamos o número de 23 dados.

3.2.2 Critérios para classificação e análise dos dados

Com o propósito de alcançar os objetivos que são (i) analisar e descrever as estruturas nominais e o contexto sintático em que o valor positivo e/ou negativo dos indefinidos ‘algum/alguma’ é atestado, no intuito de verificar a hipótese de que o valor da inversão [N + algum] sempre é negativo independente de contexto sintático, identificando-se como um IPN; (ii) Verificar se ocorre adjacência estrita entre o nome e o indefinido na estrutura [N + algum/a] e sob o escopo de quais itens negativos ele é registrado; (iii) Descrever a função sintática da estrutura [N + algum] nas sentenças dos textos do Português Clássico, e (iv) Comparar as estruturas sintagmáticas, com indefinidos, nos textos do Português Europeu (PE) e do Português Brasileiro (PB), elencamos alguns critérios para analisar e descrever os dados obtidos com as buscas realizadas nos *corpora*.

Os seguintes critérios foram utilizados para descrição dos dados:

1. Posição do indefinido no sintagma nominal (se pré-nominal ou Pós-nominal);
2. Função do sintagma nominal em relação ao verbo da sentença (se sujeito, complemento, ou adjunto);
3. Posição do sintagma nominal em relação ao verbo da sentença (se pré-verbal ou pós-verbal);
4. Existência de marcador de negação antecedendo ou sucedendo o sintagma com o indefinido (se há o marcador de negação sentencial ‘não’, conjunção negativa ‘nem’ ou preposição com sentido negativo ‘sem’).
5. Valor positivo (não negativo) ou negativo do sintagma nominal (verificação realizada mediante o contexto).

A análise dos dados envolveu sobretudo o aspecto qualitativo, focalizando as características sintáticas das proposições dos indefinidos em relação ao substantivo, como a possibilidade de complementos e flexão no NP, a possibilidades de ocorrer ou não fora do escopo da negação sentencial ou outra palavra negativa e a possibilidade de ter interpretação não negativa. Mas também realizamos uma análise quantitativa das frequências de uso das 3 formas negativas [N + allgum], [Nenhum + N] e [N + Nenhum] no corpus Tycho Brahe, por este corpus abarcar um vasto período de tempo (4 séculos) com volume de dados. Na próxima seção (seção 4) apresentaremos os resultados da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considerando a particular história dos indefinidos na língua portuguesa e a fim de contribuir com a investigação sobre esse tema, delineamos como objeto de pesquisa a valoração negativa do indefinido “algum” em posição pós-nominal [Nome + algum], em uma perspectiva diacrônica comparada, ampliando a investigação sobre o tema, uma vez que propomos olhar para o fenômeno em outros *corpora*. Utilizamos, como *corpus* da pesquisa, textos de autores portugueses nascidos entre os séculos XVI e XIX, pertencentes ao *corpus* do Português Histórico *Tycho Brahe* (CTB), e documentos notariais brasileiros, pertencentes ao *Corpus* de Documentos Oitocentistas de Vitória da Conquista e região (DOViC).

Assim, mediante a investigação revisitada na seção 2 sobre os indefinidos negativos, que retomamos aqui para a discussão, e o levantamento dos dados desta pesquisa, indagamos o estatuto/natureza da inversão [N + algum] nos *corpora* representativos do PCI, PE e PB, questionando:

(i) Qual é o *status* da inversão [N + algum] no PCI século XVI e XVII? A estrutura [N+algum] atestada nos textos do *corpus Tycho Brahe* pode ser considerada um IPN como no PE ou o valor negativo se dá via presença de um operador de negação que precede o NP e desencadeia a valorização do traço negativo do NP, como no PA para as *n-words*?

(ii) Qual é o *status* da inversão [N + algum] no PB do século XIX? A estrutura [N+algum] atestada nos textos do *corpus* DOViC pode ser considerada um IPN como no PE?

(iii) É possível identificar o período em que ocorre a mudança do Item de Polaridade Positiva, (doravante IPP), [algum] para um IPN [Nome + algum] no tempo?

Para responder a essas questões, delineamos a metodologia de seleção e análise dos dados, incluindo os fatores de descrição/classificação, apresentados na seção anterior. Verificamos como ocorre a valoração negativa dos indefinidos que não eram intrinsecamente negativos ou positivos em textos do português clássico e se havia uma concorrência entre o indefinido negativo ‘nenhum’, e o quantificador indefinido ‘algum/a’ nos textos do *corpus* da pesquisa, controlando a interpretação (se negativa ou não negativa). A seguir, segue a apresentação dos resultados, a discussão e a análise.

4.1 O valor negativo dos indefinidos na diacronia: apresentação dos resultados e Discussão

Segundo Martins (2000, 2015), o valor negativo dos pronomes indefinidos precisava ser valorado pelo operador de negação sentencial da sentença no PA, não sendo, portanto, intrinsecamente negativo no léxico, como no PE atual.

No PE, de acordo com Martins (2000, 2015), os indefinidos “ninguém” e “nenhum” são intrinsecamente negativos e o indefinido *algum* é positivo no léxico. Todavia, segundo Martins (2015) a inversão de *algum* em relação ao núcleo substantivo terá sempre um valor negativo no PE (24.a); manterá sempre adjacência absoluta entre o substantivo e o indefinido, ou seja, não terá a possibilidade de complementos ou adjuntos nominais (24.b), não terá a possibilidade de se flexionar (24.c) e ainda permitirá a graduação (24.d).

- (24)
- a. **Lugar algum** se parece com este (MARTINS, 2015, p. 1).
 - b. ***Animal do deserto algum** vive aqui (MARTINS, 2015, p. 4).
 - c. ***Animais alguns** vivem aqui.
 - d. Ainda não o vi fazer **coisíssima nenhuma/alguma** (MARTINS, 2015, p. 1).

Na ordem não marcada “*algum lugar*” a interpretação é positiva, nesta ordenação a flexão é permitida “*alguns animais*”, também é permitida a complementação/modificação “*alguns animais do deserto*” e vedada a graduação “**alguma coisíssima*”, marcando uma diferença morfosintática importante entre a estrutura [*algum* + N] e [N + *algum*].

Há uma interpretação negativa sempre que a inversão do indefinido *algum* é atestada, como em 1.a “*Lugar algum*”, que equivale na interpretação a “*nenhum lugar*” ou “*lugar nenhum*” indicando que a inversão do indefinido “*algum*” no sintagma nominal (NP) é a operação que realiza essa polaridade negativa. Segundo Martins (2015), a inversão que gera a polaridade negativa do sintagma no PE é derivada de um processo de incorporação de núcleos na formação de um item de polaridade negativa (IPN), como veremos mais adiante, a agramaticalidade de inversão sem contiguidade entre o substantivo e o indefinido, como ilustrada em 24.b, a agramaticalidade da flexão, como ilustrada em 24.c, e a possibilidade de graduação, como ilustrada em 24.d, corroboram, segundo Martins (2015), a hipótese do IPN derivado de um processo de incorporação do substantivo ao indefinido no PE. Não obstante, ao analisar os indefinidos negativos, ou *n-words*, no romance antigo, Martins (2000) descreve que eles coocorriam com o marcador negativo, não anulando a negação sentencial, e em alguns

casos, eram usados em contextos não negativos, os quais poderiam ser não-assertivos (não afirmativos) (25.a) ou modais (25.b) (imperativo, condicional, dentre outros).

- (25)
- a. “que **nenh~uu** **nõ** scapou (Crônica Geral de Espanha de 1344.)”
(cf. CINTRA, ed. 1954, p.107 *apud* MARTINS, 2000, p. 216, apêndice).
 - b. “E por decreto publico foi defeso que **ninguém** navegasse”.
(cf. ALI 1931, p. 199 *apud* MARTINS, 2000, p. 196).
[significando ‘e por um decreto público foi proibido que alguém navegasse’]

De acordo com Martins (2000), no século XV, o marcador de negação sentencial “não” passa a ser opcional no português (26 a-b) para valorar a polaridade negativa do indefinido “nenhum” em posição pré-verbal.

- (26)
- a. “**Nenh~uu** **nom** mostrava que era famiinto” (FERNÃO LOPES. Crônica de D. João I. Freire, org 1997, p. 270 *apud* MARTINS, 2000, p. 194).
 - b. “**Nenh~uu** poderá seer emlegido a semelhante honra” (FERNÃO LOPES. Crônica de D. João I. Freire, org 1997, p. 373 *apud* MARTINS, 2000, p. 194).

No português contemporâneo, estruturas com o indefinido negativo, em posição pré-verbal, coocorrendo com o marcador de negação sentencial, tornam a sentença agramatical (27).

- (27)
- a. **Ninguém** ***não** poderá trabalhar hoje.

Ou seja, no PE atual, a concordância negativa entre o indefinido pré-verbal e o marcador de negação sentencial, obrigatória no PA, opcional no período que abrange o PCI, tornou-se agramatical em um longo processo de mudança.

Com relação ao indefinido “algum” em posição pós-nominal em um NP, Martins (2015) ao descrever o comportamento da estrutura/ordem [N + algum] na diacronia do português, constata que nos séculos XVII e XVIII, o valor negativo de:

- (i) [N+algum] era legitimado no escopo da negação, ocorrendo normalmente em posição pós-verbal; (ii) era possível a legitimação da inversão nominal negativa em contextos modais (também chamados “contextos negativos fracos”); (iii) a adjacência entre o nome e algum não era obrigatória e (iv) coisíssima alguma não ocorria (MARTINS, 2015, p. 12).

Assim, Martins (2015), ao descrever as ocorrências de [N + algum] nos textos dos séculos XVII e XVIII e constatar que a inversão do indefinido, diferentemente do que acontece

no PE atual, para ter interpretação negativa, precisava estar sob o escopo da negação sentencial; que o NP com o indefinido pós-nominal poderia não ter interpretação negativa em contextos modais; e ainda, a adjacência entre o substantivo e o indefinido invertido não era obrigatória, conclui que nesse período a estrutura [N + algum] não estava gramaticalizada como um IPN (Item de Polaridade Negativa), como no PE atual. Nos textos dos séculos XVII e XVIII a estrutura [N + algum] se comportava como um sintagma e não como uma estrutura de incorporação de núcleos em um núcleo funcional Neg no interior do NP (estrutura do IPN, segundo MARTINS, 2015), uma vez que a adjacência entre o nome (N) e o indefinido (algum) não era obrigatória e o valor negativo não dependia exclusivamente desta inversão.

Além disso, segundo a autora,

*No Corpus do Português (**corpus PE**) não foi possível encontrar nenhum exemplo de [N+algum] na posição canônica de sujeito ou em qualquer outra posição fora do escopo da negação ao longo do século 17. Raros exemplos aparecem no século 18. É necessário esperar pelo século 19 para se encontrarem facilmente atestações da inovação* (MARTINS, 2015, p. 12, grifo nosso).

Segundo Martins (2015), a possibilidade de [N + algum] ocorrer fora do escopo da negação com valor negativo em posição pré-verbal, como em (28), e ainda a possibilidade de gradação pela morfologia, como em (29), constituem evidências da inovação que transformou [N + algum] em um IPN no PE.

(28) Em **época alguma** tinham os criados conhecido Maurício tão caseiro.
(Século XIX: *Corpus* do Português. MARTINS, 2015, p. 12).

(29) Nunca recebi favor do Sr. D. Pedro II, nem ele me deve **coisíssima alguma**.
(Século XIX: *Corpus* do Português. MARTINS, 2015, p. 12).

Em nossa pesquisa, atestamos dados que não são compatíveis com uma estrutura de IPN, nos termos definidos por Martins (2015), em textos que compõem o *corpus Tycho Brahe* (cf. 39 a -g).

(39) a. e que pagaria todos os anos de pareas dous mil fardos de arroz, assim como se obrigara ao Viso-Rei Dom Francisco de Almeida. “E que **não recolheria** em seus portos **navios alguns** de cossairos. “E que daria lugar pera feitoria pera estarem os Officiaes d’ElRei feitorizando suas cousas.
(COUTO, Diogo do, Décadas, séc. XV, Português europeu).

b. As asas dobradas se podem pôr aos anjos, e assi mesmo nos pés por mostrarem sua presteza, mas também podem ser pintados **sem terem asas**

algumas, e com tal extremidade e tão angélica , que pareça serem anjos , como já os alguém pintou.

(HOLANDA, Francisco de, Da pintura antiga, séc. XVI, Português europeu).

c. onde seus vassalos o agasalharam, e recolheram, mandando dali espias a saber de Dom Christovão, e da Rainha, de que **não tinham novas algumas**. Assim os deixaremos todos em sua tristeza, até tornarmos a êles.

(COUTO, Diogo do, Décadas, séc. XV, Português europeu)

d. Discrição, a quem até a idade de vinte anos se **não tinham feito civilidades algumas**, viu-se obrigada a aperfeiçoar os talentos naturais para suprir ao defeito em que se achava de tantas prendas, quais eram as que observava em sua irmã.

(XAVIER, Francisco. Cartas, Cavaleiro de Oliveira, séc. XVIII, Português europeu)

e. porém devia permitir-se-lhe dizer, que **não se tinham poupado diligências algumas** para fazer que a Nação portuguesa tivesse um perfeito conhecimento da sua situação;

(Vários, Gazeta de Lisboa, séc. XVIII, Português europeu)

f. Como se há de ver, lendo esta história, o doente, **não pode prestar**, no estado em que se acha, **informações algumas** sobre os diferentes turnos por que tem passado a moléstia; seu pai porém fez-me o favor de fornecer as informações de que eu precisava.

(Vários, Jornais da Bahia, séc. XIX, Português brasileiro)

g. A outra nossa tia, a Marquesa de Abrantes, que tinha seu marido e um filho em França, **não obtinha** de eles **notícias algumas** de o Marquês de Alorna, apesar de lhe as pedir, sempre que se oferecia ocasião.

(ALORNA, Memórias do Marquês da Fronteira e d'Alorna, séc. XIX, Português Europeu)

Mediante tais dados, percebemos que a pluralidade na inversão negativa é possível, temos a sequência [N + algum] no plural sob o escopo do marcador de negação ‘não’ (cf. 39 a., c. e g.) e da preposição de sentido negativo ‘sem’ (cf. 39 b.).

Os dados levantados nesta pesquisa corroboram algumas hipóteses e demonstram que na diacronia da língua a estrutura [N + algum] não constitui um IPN como no PE atual, uma vez que há a possibilidade de flexão no plural e não adjacência entre o substantivo e o indefinido pós-nominal. Os dados atestados são compatíveis com a análise de “algum” como núcleo da categoria Determinante, conforme Namiuti (2021, c.p.³⁶), como veremos nesta seção na subseção 4.2.

³⁶ c.p. = comentário pessoal.

Ao observarmos os dados extraídos dos textos do Corpus DOViC representativos do PB, notamos a presença da estrutura [N + algum] nas seguintes posições: (1.a) Complemento e (1b) Adjunto.

Os contextos sintáticos em que o SN [N+algum] é complemento ou adjunto, apresentam um contexto de negação para além da negação expressa na inversão do indefinido no interior do NP (1.a).

- (1)
- a. [...] *notifiquemos o dito Depozitario, para **não** entregar a **pessoa alguma** a mesma quantia de quinhentos mil reis sem expressa ordem de Justiça, sob pena da Lei dos Depozitarios, de que ficou sciente;*³⁷[...] (Corpus DOViC, Livro 2, carta 15, Séc. XIX)
- b. [...] *cujo escravo de hoje em diante fica gozando plena, e inteira liberdade que de hoje em diante lhe transfiro tanto em razão de ser minha cria, como pelos relevantes serviços que me tem prestado; e por isso poderá gozar de inteira liberdade, **sem restrição alguma**, como se nassese de ventre livre, pois que me o-brigo a sustentar esta carta de liberdade por mim e meus herdeiros ascendentes*³⁸[...] (Corpus DOViC, Livro 2, carta 2, Séc. XIX)

O dado [pessoa alguma] apresentado na sentença 1.a, assume valor negativo no SN, que é objeto indireto, em posição pós-verbal, de uma oração subordinada infinitiva (reduzida) negativa devido à presença do marcador de negação ‘não’. A presença da negação na sentença – ‘para **não** entregar a SN’ - e a inversão do indefinido no NP complemento - “pessoa alguma” - soam como reforço expressivo da negação sentencial.

De maneira semelhante, o dado exposto em 1.b. possui a estrutura [restrição alguma] com valor negativo no SN, que está como adjunto introduzido pela preposição negativa ‘sem’’, carregando um traço de negação, sob o domínio de um IP³⁹ (sintagma verbal) positivo – ‘poderá gozar de...’.

O uso do IPN [restrição + alguma] no interior do sintagma preposicional (PP) negativo – ‘sem restrição alguma’ - apresenta reforço positivo para as expressões ‘plena liberdade’ e ‘inteira liberdade’.

Ao observarmos os dados extraídos dos textos do Corpus Tycho Brahe, encontramos os NPs com indefinidos em diferentes funções sintáticas, incluindo a função sujeito e nos deparamos com sentenças como (2) e (3), que parecem questionar a polaridade sempre negativa

³⁷ Texto transcrito na versão original.

³⁸ Texto transcrito na versão original.

³⁹ IP (Inflectional Phrase) é uma frase funcional que possui propriedades flexíveis (como tempo e concordância).

da estrutura [N + algum] e a impossibilidade de um complemento nominal, ou um adjetivo, ocorrer entre o nome e o indefinido ‘algum’ na posição pós-nominal (cf. MARTINS, 2015).

Polaridade positiva na estrutura [N + algum]:

- (2) Olá, se torno a ouvir de vós **queixa alguma**, juro, pela fé que devo a Balduino meu predecessor, que vos hei-de cozer vivo em uma caldeira, como ele cozeu a outro, que roubou uma viúva pobre (BERNARDES, séc. XVII, dado coletado no *corpus Tycho Brahe*).

Possibilidade de complemento nominal ocorrer entre o nome e o indefinido algum:

- (3) Porém como esta lei seja voluntária e executada sem rigor, nem **obrigação de justiça alguma**, não querem alguns estar por ela. (GANDAVO, sec. XVII, dado coletado no *corpus Tycho Brahe*).

Os dados analisados, nos textos do PE, nos sugerem uma possível ambiguidade na polaridade da estrutura [N + algum], no século XVII, pois, como evidenciado no exemplo 2, mesmo com o indefinido ‘algum’ posposto ao substantivo ‘queixa’, o sintagma nominal não possui polaridade negativa na sentença, pois no contexto “se **torno a ouvir de vós queixa alguma**” traz a proposição “tornar a ouvir”, o que indica que antes se ouviu “algum queixa”, e uma promessa de “...cozer vivo” caso se volte a ouvir “queixa”. A interpretação de “queixa alguma”, portanto, deve ser equivalente a “alguma queixa”, ou seja, com polaridade positiva.

Já em 3, o valor de “obrigação de justiça alguma” é negativo, porém há um complemento “**de justiça**” que interrompe a adjacência entre o núcleo N e o indefinido, situação esta permitida somente em estruturas sem a incorporação dos Núcleos N e Q(indefinido). No contexto existe uma “lei” que é “voluntária”, portanto sem nenhuma obrigação da justiça (lei), o núcleo principal negado no enunciado é “obrigação” e não “justiça”, pois existe uma lei e esta lei é voluntária “sem obrigação alguma”.

Mediante esses dados, percebe-se que no século XVII a estrutura N + algum não está gramaticalizada uma vez que os dois elementos [N] e [Algum] gozam de certa independência sintática.

Em continuidade, verificamos os indefinidos negativos no português europeu (doravante PE) em uma perspectiva histórica comparando as frequências de [N + Algum] com as frequências de [Nenhum + N] e [N + Nenhum]. De acordo com Martins (2015), há um aumento acentuado da frequência da inversão nominal com “nenhum” em comparação com o “algum” no século XIX, indicando que nesse período, em que, segundo a autora, ocorreria a

etapa final do processo de gramaticalização de [N + algum] como um item de polaridade negativa (IPN), a inversão nominal negativa se “alargou” de ‘algum’ a ‘nenhum’ (MARTINS, 2015, p.13).

No *Corpus* do Português, utilizado por Martins (2015) para análise, constatou-se que a colocação pós-nominal de ‘nenhum’ sobe de 16% no século XVIII para 43% no século XIX (cf. tabela 1).

Partindo desse resultado e com o intuito de verificar o fenômeno em outro *corpus* diacrônico do Português, replicamos a pesquisa de Martins ao *Corpus Tycho Brahe*, com o objetivo de verificar se o fato também pode ser observado nesse *corpus* e se a inversão com “nenhum” está associada a gramaticalização do IPN [N + algum] no PE, que, segundo Martins (2016), ocorre entre os séculos XVIII e XIX, ou se a inversão [N + nenhum] já pode ser observada nos séculos anteriores, séculos XVI e XVII em que a não contiguidade entre o núcleo nominal e o indefinido pós-nominal podia ser atestada, indicando uma construção ainda não gramaticalizada, segundo Martins (2016). Para isso, analisamos 39 textos de 36 autores portugueses, entre os séculos XVI e XIX, e 6 textos brasileiros do século XIX, escritos por vários autores, gerando um total de 2980 dados, os quais foram organizados utilizando os seguintes critérios de identificação em relação ao texto: (i) código do texto, (ii) autor, (iii) nascimento, (iv) nacionalidade/origem, (v) título, (vi) data do texto, (vii) gênero do texto, (viii) anotações disponíveis, (xix) quantidade de registro dos dados pesquisados por texto. Além desses critérios de identificação do dado no corpus analisamos cada dados individualmente segundo os seguintes fatores linguísticos: (1) posição do quantificador no sintagma nominal; (2) valor da polaridade (polaridade negativa ou afirmativa); (3) existência de outros elementos no NP além do N e do quantificador indefinido; (4) contiguidade do indefinido em relação ao núcleo nominal; (5) presença de negação; (6) presença de flexão.

Levantamos 1685 dados de ‘algum’ pré-nominal nos textos portugueses e brasileiros, respectivamente, em todos os casos a polaridade do NP foi positiva, contemplando estruturas com flexão e mais elementos no NP além do indefinido e do substantivo como podemos verificar nos exemplos 4 a 7.

- | | |
|-----|--|
| (4) | “por ser a fazenda fardos de tintas como cá é o pastel, que nos não servia então para nada, tirando algumas peças de chamalote que os soldados tomaram para se vestirem” (PINTO, séc. XVI). |
| (5) | “E como a graça e amor de Deus é infinito, logo que a criatura tem alguma coisa dela , ferve e deseja ardentemente sair de si toda e chegar-se àquele |

infinito Senhor, como a panela que tem grande fogo, este sobe em cachões fora da panela e se deseja ir e sai;” (CHAGAS, séc. XVII).

- (6) “Se algum dia chegardes a experimentá-la, conhecereis verdadeiramente o que é amor” (XAVIER, séc. XVIII).
- (7) “Sempre se pode esperar **alguma coisa sinistra**” (ALORNA, séc. XIX).

A estratégia preferencial para a polaridade negativa nos textos do corpus foi a com o indefinido ‘nenhum’ pré-nominal, 602 dados nos textos portugueses (55% do total de 1100 NPs com polaridade negativa) e 90 nos textos brasileiros (47% do total de 191 NPs com polaridade negativa). Os exemplos de 8 a 11 ilustram essa construção.

- (8) “O capitão-mor lhe respondeu que os embaixadores tinham seguro para suas pessoas, e licença para dizerem livremente a que eram mandados, pelo que sem **nenhum receio** podia falar o que quisesse” (PINTO, séc. XVI).
- (9) “E melhor rezareis assim e não vos fará **nenhum impedimento** dêste modo” (CHAGAS, séc. XVII).
- (10) “porque **nenhum homem** quis dizer até agora a loucura de que era branco - dando a atender que, se houvesse um que a proferisse, não faltariam muitos que acressem” (XAVIER, séc. XVIII).
- (11) porém a mana não lhe faz a honra de o pronunciar de **nenhum modo**, conforme as delicadezas do costume, que observa rigidamente” (ALORNA, séc. XIX).

Nota-se que os dados exemplificados, seguem a generalização de Martins sobre a necessidade de concordância negativa quando o NP com ‘nenhum’ pré-nominal segue o verbo e que em posição pré-verbal esta concordância já não é mais obrigatória (exemplo 10).

Com relação a posposição dos indefinidos ao nome, atestamos 396 dados em que o indefinido algum foi registrado em posição pós-nominal em textos portugueses e 85 em textos brasileiros. A grande maioria dos dados (97%) com sentido negativo (apenas 11 dados dos 396 em textos portugueses e 1 dado dos 85 em textos brasileiros possuem interpretação não negativa). A estrutura [N + Algum] com interpretação negativa, pode ocorrer em posição pré ou pós-verbal, sempre em concordância com outro elemento negativo à esquerda do NP, quando este está pós-verbal, como podemos verificar nos exemplos 12 a 15. Também podemos verificar nestes exemplos a possibilidade de um NP com complementos e adjuntos e ainda com a possibilidade do plural.

- (12) “E nos os sete Portugueses que a este tempo, como ja disse, estávamos na praça para nos venderem em leylão, tomamos por remedio mais certo de nossa salvação tornarmo-nos a meter na mazmorra, **sem** que **ministro algum de justiça** ou outrapessoa nos levasse, ou fosse conosco...” (PINTO, séc. XVI).
- (13) “que **não** faça **caso algum de tudo** o desta vida.” (CHAGAS, séc. XVII).
- (14) “Discrição, a quem até a idade de vinte anos se **não** tinham feito **civilidades algumas**, viu-se obrigada a aperfeiçoar os talentos naturais para suprir ao defeito em que se achava de tantas prendas, quais eram as que observava em sua irmã” (XAVIER, séc. XVIII).
- (15) “A outra nossa tia, a Marquesa de Abrantes, que tinha seu marido e um filho em França, não obtinha de eles **notícias algumas de o Marquês de Alorna**, apesar de lhe as pedir, sempre que se oferecia ocasião” (ALORNA, séc. XIX).

A estrutura com o indefinido algum pós-nominal, com valor negativo, apresenta-se em concordância negativa, podendo flexionar-se, como em 14 e 15, e ter mais elementos no NP como em 12 e 13.

Das estruturas de negação [N + algum] representa 36% dos casos (396) contra 55% de [Nenhum + N] (602) e 9% de [N+Nenhum] (102) nos textos portugueses. Nos textos brasileiros esta distribuição das estratégias de negação no NP é semelhante: 45% dos casos (85) contra 47% de [Nenhum + N] (90) e 5% de [N+Nenhum] (16). Os exemplos 16 a 19 ilustram a opção menos frequente no corpus:

- (16) “E assim se partiu sem levar **coisa nenhuma** do que vinha pedir” (PINTO, séc. XVI).
- (17) “mas todo o exercício, palavra, letra, meditação, por espiritual que seja, impede a união, que é estar a alma já sem **acção nenhuma sua**, submergida naquele abismo de amor, de glória, de perfeição” (CHAGAS, séc. XVII).
- (18) “Este homem não sabe perder ocasião alguma de ostentar os seus talentos, **coisa nenhuma** o prende e **coisa nenhuma** deixa de lhe vir à mão por que ele deixe de pedir” (XAVIER, séc. XVIII).
- (19) “Levantou-se minha Mãe e esteve quatro horas fora da cama, sem sentir **abalo nenhum**” (ALORNA, séc. XIX).

Esta estrutura, apesar de menos frequente, parece seguir o comportamento sintático de [N] + [algum]. Em posição pós-verbal ocorre com a presença de outro elemento negativo, sem precisar ser necessariamente a negação sentencial ‘não’, nos exemplos preposição ‘sem’ foi atestada. Em posição pré-verbal, a presença do operador de negação sentencial ‘não’ não é obrigatória, como demonstra o exemplo 18.

O dado exemplificado em 17 (século XVII) ilustra a possibilidade do possessivo na periferia direita do NP, ou seja, uma estrutura com mais elementos no sintagma, como acontece com [N + algum] nesse período. No século XIX este tipo de construção não foi mais atestada.

No *Corpus* do Português, Martins (2015) constatou que a colocação pós-nominal de ‘nenhum’ sobe de 16% no século XVIII para 43% no século XIX, o cálculo da frequência foi feito por Martins com base na soma dos totais de ‘nenhum’ pré e pós-nominal em cada século, o mesmo vale para o cálculo de algum na tabela abaixo.

Tabela 1 – Dados coletados por Martins em *Corpus* do Português (CP)

Período	Nenhum		Algum	
	Pré-nominal	Pós-nominal	Pré-nominal	Pós-nominal
Século XVIII	325	63 - 16,2%	2220	391 - 15%
Século XIX	676	504 - 42,9%	8726	812 - 7,6%

Fonte: Martins (2015, p. 14).

Baseando-nos em Martins (2015), ao fazermos o mesmo tipo de relação e cálculo das ordenações dos indefinidos no corpus Tycho Brahe constatamos que a inversão [N + nenhum] é atestada já no século XVI, com uma frequência semelhante a da inversão de [N + algum], 14% e 12%, respectivamente, em relação à ordem pré-nominal do indefinido. Detectamos um contínuo nos padrões de frequência das inversões desde o século XVI até o século XIX, ambos passaram de um patamar inferior a 20% de frequência nos séculos XVI e XVII a um patamar superior a 20% de estruturas com indefinidos pós-nominais nos séculos XVIII e XIX, como podemos constatar na tabela 2. É importante ressaltar que a tabela 2 considera apenas a posição do indefinido e não o valor polar, seguindo o mesmo tipo de cálculo da tabela 1 reproduzida de Martins (2015).

Tabela 2 – Posição dos indefinidos ALGUM e NENHUM no sintagma nominal (documentos portugueses)

	Algum		Nenhum	
	Pré-nominal [Algum/a + N]	Pós-nominal [N + Algum/a]	Pré-nominal [Nenhum/a + N]	Pós-nominal [N+Nenhum/a]
Século XVI	568	94 - 14%	267	39 - 12 %
Século XVII	551	119 - 16%	172	11 - 6%
Século XVIII	234	137 - 37%	113	30 - 21%
Século XIX	169	47 - 22%	50	23 - 32%

Fonte: Elaboração própria (2020).

Uma vez que diferentemente de [Algum + N], [N + algum] realiza a polaridade negativa do sintagma, assim como [Nenhum + N] e [N + Nenhum], excluimos os dados de algum pré-nominal para observar apenas as estratégias de polaridade negativa no tempo e verificamos que a estratégia mais frequente para polaridade negativa no sintagma é sempre [Nenhum + N], sendo a estrutura com posposição de algum mais frequente que a posposição de nenhum, como se pode verificar na tabela 3. Nota-se na tabela que há um aumento da estrutura [N + algum] que passa de 23% no século XVI para 39% e 49% nos séculos XVII e XVIII para voltar a baixar para 39 % no século XIX. Já a estrutura [N + nenhum] se mantém abaixo dos 20% em todo período, (10%, 4%, 11% e 19% nos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX, respectivamente).

Tabela 3 – Posição dos indefinidos ALGUM e NENHUM no sintagma nominal com valor negativo (documentos portugueses)

	Algum	Nenhum		Total
	Pós-nominal [N + Algum/a]	Pré-nominal [Nenhum/a + N]	Pós-nominal [N+Nenhum/a]	
Século XVI	94 - 23%	267 - 67%	39 - 10%	400
Século XVII	119 - 39%	172 - 57%	11 - 4%	302
Século XVIII	137 - 49%	113 - 40%	30 - 11%	280
Século XIX	47 - 39%	50 - 42%	23 - 19%	120

Fonte: Elaboração própria (2020).

Os dados atestados nos textos brasileiros do século XIX repetem exatamente o mesmo padrão de frequência que os textos portugueses do mesmo período, como se pode verificar na tabela 4.

Tabela 4 – Posição dos indefinidos ALGUM e NENHUM no sintagma nominal com valor negativo (documentos brasileiros)

	Algum	Nenhum		Total
	Pós-nominal [N + Algum/a]	Pré-nominal [Nenhum/a + N]	Pós-nominal [N+Nenhum/a]	
Séc XIX - BRA	85 - 45%	90 - 47%	16 - 8%	191

Fonte: Elaboração própria (2020).

A diferença no tempo, ao considerar este corpus, não parece ser a frequência de usos das estruturas, mas a qualidade delas. É somente no século XIX que dados com inversão do indefinido contendo flexão para o plural e mais elementos no NP deixam de ser atestados, enquanto dados sem a presença de negação sentencial ou outros operadores negativos são atestados com valor negativo como ilustra o exemplo 20.

- (20) Em 1815, perguntando minha Avó a o General Gomes Freire, diante de mim, se os movimentos militares que deixo referidos seriam devidos a alguma traição, ele respondeu lhe que de **modo algum**, porque a corte de o Príncipe Regente era tão tola que nem para isso tinha capacidade (ALORNA, séc. XIX).

Não obstante, ao comparar apenas as estruturas com posposição, constatamos que a frequência de [N + algum] é sempre muito superior à frequência [N + nenhum], como podemos verificar na tabela 5, fato que pode corroborar a hipótese de Martins (2015) em relação a origem do IPN com o indefinido “nenhum” na generalização do IPN [N + algum], gramaticalizado no século XIX.

Tabela 5 – Posposição dos indefinidos ALGUM e NENHUM no sintagma nominal com valor negativo (documentos portugueses e brasileiros)

	Algum	Nenhum	Total
	Pós-nominal [N + Algum/a]	Pós-nominal [N+Nenhum/a]	
Século XVI	93 - 71%	39 - 29%	132
Século XVII	119 - 91%	11 - 9%	130
Século XVIII	137 - 82%	30 - 18%	167
Século XIX	47 - 67%	23 - 33%	70
Séc XIX - BRA	85 - 86%	16 - 14%	101

Fonte: Elaboração própria (2020).

Apesar da frequência não ter se mostrado um argumento bastante relevante para identificar a mudança no tempo, nos textos do século XVIII e XIX não atestamos mais dados da ordem [N + algum] com valor positivo (não negativo), tão pouco casos de flexão do substantivo e do indefinido. Paralelamente a isso, o valor negativo do NP com inversão do indefinido foi atestado sem a presença de um operador de negação no contexto, como vemos no exemplo 20 acima e 21 abaixo, o que pode sugerir que, nessa fase, a ordem do [N + algum] se estabelece como um IPN.

- (21) Se a confusão dos últimos tempos lhe fizeram perder de vista quanto me ordenou, nada mo poderia fazer esquecer a mim, vendo crescer os perigos da minha Pátria e de Vossa Alteza Real Tudo consegui, mas **cousa alguma** se fará se Vossa Alteza Real, por uma carta sua, me não recomenda a Suas Majestades Católicas de um modo tal, que eu não tenha obstáculo para tratar, em nome de Vossa Alteza Real, tudo quanto lhe é preciso e pode desejar (ALORNA, SÉC. XVIII, dado coletado no *corpus Tycho Brahe*).

Também, em textos brasileiros do CTB foi atestado [N + algum] na função sujeito, com

valor negativo e sem este estar sob o escopo de outro elemento negativo.

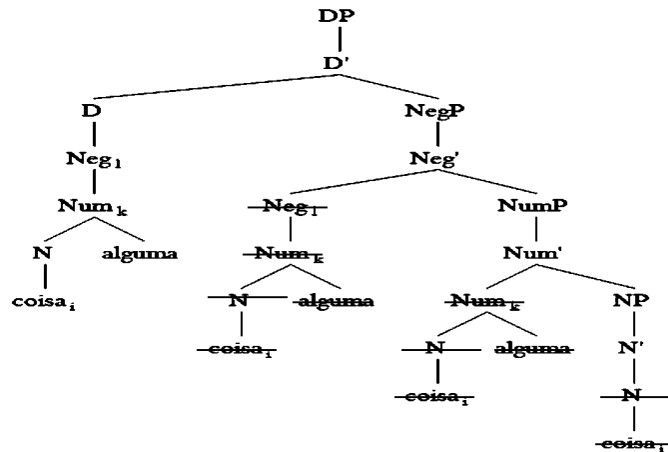
- (22) Consequentemente, entendo que **amigo algum** deixará de concordar comigo, não podendo, como não posso, admitir enquanto investido do cargo de chefe político, que alguém, por ameaças queira impor-se (CARTAS BRASILEIRAS: CULTOS, séc. XIX).

Este tipo de contexto não foi atestado no corpus DOViC. Nos documentos brasileiros do século XIX do corpus DOViC, a estrutura [N + algum] com valor negativo foi atestada em sentenças não negativas, ou seja sem a presença da categoria funcional NegP, realizada pelo marcador de negação sentencial ‘não’ mas com presença de um outro item negativo. São licenciadores da valoração negativa do NP com posposição do indefinido nesse corpus: a conjunção ‘nem’ e a preposição ‘sem’, além da negação sentencial, sendo a posposição do indefinido sempre acompanhada de outra palavra negativa no domínio imediatamente superior, seja ele a sentença (IP), como em (23 a.); ou um sintagma preposicional (PP) com a preposição negativa “sem” dominando o NP, como em (23 b.).

- a. Primeiramente disse ser casado com Dona Reginalda Maria de Jezus de cujo consorcio **não** teve **filho algum** – (Corpus DOViC, Livro 16, documento 5).
- (23) b. cujo escravo de hoje em diante fica gozando plena, e inteira liberdade que de hoje em diante lhe transfiro tanto em razão de ser minha cria, como pelos relevantes serviços que metem prestado; e por isso poderá gozar de inteira liberdade, **sem restrição alguma**, como se nassese de ventre livre, pois que me o-brigo a sustentar esta carta de liberdade por mim e meus herdeiros ascendentes[...] (Corpus DOViC, Livro 2, carta 2).

O indefinido algum, em contextos como os exemplificados acima, pode ser substituído pelo indefinido ‘nenhum’, sem que ocorra a perda do sentido nas orações.

Em (23 a.) a estrutura [N + algum], ou seja, filho algum, apresenta-se sob o escopo do marcador de negação sentencial ‘não’, como objeto direto do verbo ‘ter’ e seu uso na sentença permite negar a existência do substantivo dentro do sintagma nominal. No exemplo (23 b.) a estrutura [N + algum] (restrição alguma) está contida em uma oração subordinada, em adjunção na posição pós-verbal e precedida pela preposição ‘sem’, e apesar da sentença subordinada não ser negativa, a preposição núcleo do PP que domina imediatamente o NP [restrição alguma] possui um traço de negação, ainda que não sentencial. A presença desse traço no domínio imediatamente superior ao NP se mostrou relevante para o licenciamento da polaridade negativa do NP [N + algum] nos dados desse corpus.

Figura 10 – Representação arbórea sintática do IPN [animal algum]

Fonte: Elaboração própria, baseada em Martins (2015).

A estrutura sintática do IPN, tal como propõe Martins (2015) explica a obrigatoriedade de adjacência entre o nome substantivo e o quantificador indefinido, não possibilitando a presença de um complemento nominal ou adjunto ocorrerem entre o nome e o algum pós-nominal por esta estrutura ser formada em um processo de incorporação de núcleos - um amálgama - formando uma única palavra negativa (*n-word*), um IPN. Nessa configuração a flexão de número é bloqueada, pois o IPN comporta-se como uma palavra invariável, como os pronomes indefinidos “ninguém”/“nada”. A explicação, segundo Martins (2015), se dá pela ausência do núcleo do Pl(ural) na estrutura do DP quando NegP é projetado e pela possibilidade de ocorrer em qualquer posição na sentença sem a presença de um operador de negação para a interpretação negativa.

Essa não deve ser a estrutura da inversão nominal [N + algum] no PCl, uma vez que a polaridade positiva/não negativa para a estrutura [N + algum] (cf. 08 a), bem como a não adjacência estrita entre o nome e o indefinido (cf. 08 b) e a pluralização do sintagma na inversão nominal negativa com o indefinido ‘algum’ (cf. 08 c) foi atestada em textos do *corpus Tycho Brahe*.

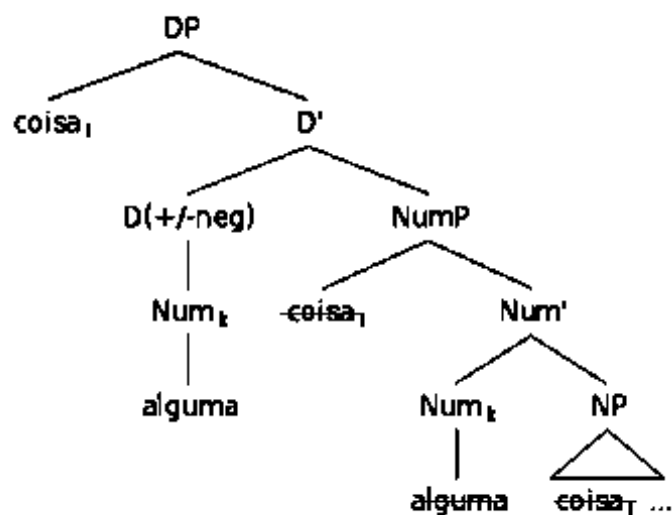
(08)

- a. Olá, se **torno a ouvir de vós queixa alguma**, juro, pela fé que devo a Balduino meu predecessor, que vos hei-de cozer vivo em uma caldeira, como ele cozeu a outro, que roubou uma viúva pobre (BERNARDES, sec. XVII, dado coletado no *corpus Tycho Brahe*).
- b. Porém como esta lei seja voluntária e executada sem rigor, **nem obrigação de justiça alguma**, não querem alguns estar por ela[...] (GANDAVO, sec. XVI, dado coletado no *corpus Tycho Brahe*).
- c. Discrição, a quem até a idade de vinte anos se **não tinham feito civilidades algumas**, viu-se obrigada a aperfeiçoar os talentos naturais para suprir ao defeito em que se achava de tantas prendas, quais eram as que

quantificadores numerais, mesmo no PCl. Nesse sentido a derivação em que a parte lexical do sintagma (o NP) se move para o especificador de DP parece ser mais adequada a inversão [N + algum] no PCl uma vez que, além de contemplar a distribuição do indefinido em relação aos demais determinantes (ocorre em distribuição complementar com os demais elementos da categoria D), pode explicar: (i) o valor não negativo da inversão atestado nos dados do PCl e (ii) a possibilidade de não adjacência entre o núcleo nominal e o quantificador, atestada nas fases mais antigas. A estrutura do sintagma em que [N + algum] não é derivada por incorporação seria, portanto, como a representação em (11), ilustrada na figura 11:

- (11) [DP [coisa_i] [D' [D(+/-neg) [Num_k alguma]] [NumP [~~coisa_i~~] [Num' [Num_k alguma] [NP coisa_i ...]]]]]

Figura 11 - Representação arbórea de [coisa alguma] não especificada quanto ao traço de polaridade no PCl



Fonte: Elaboração própria, baseada em Namiuti (2021, c.p.).

Adotamos a estrutura proposta por Namiuti (2021, c.p.) para a estrutura [N+ algum] no PCl por considerarmos que contempla a hipótese de que nesta fase da língua a posposição do indefinido não é derivada de um processo de incorporação para valorar o traço negativo no NP, pois a inversão só ocorre com a presença de outro marcador de polaridade negativa, como a negação sentencial, as preposições e conjunções negativas. A hipótese nos parece mais econômica em relação à mudança para o PE, uma vez que não envolve alteração na natureza sintagmática do indefinido de categoria máxima (XP), como seria o caso da representação 10, para categoria mínima (X) como seria o caso da representação do IPN em 07. Assumindo a

representação em 11 para o PCl, a mudança envolveria apenas o mecanismo de valoração da polaridade no NP, sendo o indefinido sempre núcleo (X) da categoria funcional do NP ligada a sua determinação: a parte funcional do NP passa a espelhar a sentença, instanciando um núcleo de polaridade forte no interior do sintagma nominal, que em 07 (MARTINS, 2015) é denominado NegP, e a valoração da polaridade deixa de ser feita sob escopo/regência/concordância do núcleo de negação no domínio externo ao NP e que o domina (IP[neg] ou PP[neg]) em uma configuração de c-comando do operador de negação em relação ao NP como em 9a e 9b, e passa a ser feita pela checagem dos traços polares na camada funcional do NP por palavra negativa. Com essa mudança, a estrutura [N + algum] se gramaticaliza, tornando-se um IPN, como em 07.

Os dados oriundos dos textos brasileiros do século XIX também são compatíveis com a hipótese de Namiuti (2021, c. p.) para o PCL, uma vez que os dados com inversão estão sempre acompanhados do operador de negação sentencial ou outro operador de negação que tem escopo sobre o NP e o c-comanda (como a preposição “sem” ou a conjunção “nem”).

Com relação a mudança gramatical e sua localização no tempo, uma vez que “as mudanças nas línguas, instanciadas nos documentos históricos, como variação gradual, são reflexos de mudança gramatical que, por uma necessidade teórica, deve ocorrer de modo abrupto na aquisição da linguagem pelo falante (KROCH, 1989 *apud* GALVES; NAMIUTI; PAIXÃO DE SOUSA, 2006, p. 49), e a variação de usos nos textos, pode ser compreendida como fruto da convivência, no plano do uso, de formas geradas por diferentes gramáticas, formas novas nos textos podem ser pistas para uma mudança gramatical. Segundo Kroch (2001 *apud* GALVES; NAMIUTI; PAIXÃO DE SOUSA, 2006), a mudança gramatical não afeta apenas uma construção, mas a gramática como um todo, logo se várias alterações ocorrem em um mesmo período de tempo em uma “razão constante”, nos termos de Kroch (1989), temos aí indícios que uma mudança gramatical ocorreu. No caso dos indefinidos, Martins (2015) localizou formas novas no século XIX como a inversão do indefinido com valor negativo sem a presença de um operador de negação, como no caso de ‘Coisa alguma escapou!’ (MARTINS, 2015, p. 12), dados assim também foram atestados por esta pesquisa no século XIX, *corpus Tycho Brahe*. Paralelamente a estes novos fatos, Martins (2015) atestou um aumento da frequência [N + nenhum] no mesmo século o que pode corroborar a hipótese da mudança. O mesmo fato foi por nós observado no *corpus Tycho Brahe*. Sendo assim, com base nos fatos descritos em (08a-c) e (09a-b), também com base nas considerações sobre a mudança gramatical no quadro teórico da gramática gerativa, levantamos as seguintes hipóteses:

(1) A estrutura [N + algum] não pode ser analisada como um IPN no PCl, pois o valor negativo se dá via presença de um operador de negação que precede o NP e desencadeia a valorização do traço negativo do NP, como no PA para as n-words, o que evidencia um traço fraco de polaridade no NP no PCl.

(2) Temos, nos documentos brasileiros do século XIX, um comportamento semelhante ao do PCl em relação às estruturas de inversão dos indefinidos para valorar traço de negação, indicando também um traço fraco de polaridade no NP do PB do século XIX.

(3) É possível identificar o século XIX como o momento da mudança do PCl para o PE, uma vez que dados novos de [N + algum] foram atestados nos documentos portugueses do século XIX, associados a alterações de frequência de estruturas que podem estar relacionadas à mudança como o aumento de [N + nenhum] em relação a [Nenhum + N] após um aumento de [N + algum] e o surgimento de dados de [N + algum] com valor negativo em um contexto livre da presença de negação sentencial ou outro marcador de negação.

Tais hipóteses são compatíveis com os resultados alcançados nesta pesquisa de mestrado que contribuiu com o estado da arte sobre o fenômeno da inversão [N + algum] na formação de IPN na história da Língua. Todavia, a investigação sobre o fenômeno no PB carece de mais dados e aprofundamento.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atestamos inversões nominais com indefinido na função de sujeito, complementos e adjuntos, em posição pré e pós-verbais, contribuindo assim com a investigação sobre o fenômeno da gramaticalização da inversão nominal [N+ algum] como IPN.

Partindo dos dados levantados na pesquisa, conseguimos verificar que a estrutura [N + algum/a], com inversão, nos séculos XVI e XVII, podia ser usada com valor positivo (não negativo).

Também vimos que outros elementos podiam ocorrer no NP que contém o N e o indefinido ‘algum’, inclusive com a possibilidade da não adjacência entre o nome e o “algum”.

Tais fatos corroboram a hipótese de que o valor negativo de [N + algum] nessa fase era derivado da valoração do traço de polaridade do indefinido por traço de negação presente no domínio sintático superior (operador de negação sentencial, preposição ou conjunção negativa) desencadeando concordância negativa, no modelo das n-words do PA (MARTINS, 2000) e que pode ser representada com a estrutura de movimentos sem incorporação proposta por Namiuti (2021, c.p.).

Os resultados apresentados possibilitam a percepção de que o indefinido “algum”, na posição pós-nominal, nos séculos XVI e XVII, ainda não estava incorporado ao nome, caracterizando um IPN.

Todavia, localizamos pistas nos dados do século XVIII que sugerem a gramaticalização da estrutura [N + algum] como um IPN, como a possibilidade de [N + algum] ocorrer em estrutura sem a presença de operador de negação e ainda assim carregar valor negativo, e o fato das ocorrências da estrutura com flexão e outros elementos no sintagma deixarem de ser atestadas em textos mais tardios (século XIX).

Sobre os dados do PB, verificamos que a estrutura [N + algum/a] no *corpus* DOViC sempre é atestada com valor negativo e sempre em um contexto de negação, o que pode sugerir que o valor negativo do NP seja valorado pela negação superior, juntamente com a inversão do algum, como no PCl. Todavia uma investigação envolvendo um *corpus* maior e mais abrangente se faz necessária para confirmar tal hipótese, uma vez que no *corpus*-DOViC a construção só foi atestada em posição pós-verbal, na função de complemento ou adjunto, e ainda que há dados, no CTB, em documentos brasileiros escritos por falantes “cultos” que atestam [N+ algum] com valor negativo em contextos pré-verbais sem a presença de operadores de negação.

REFERÊNCIAS

- BAKER, M. **Incorporation: a theory of grammatical function changing**. Chicago: University Chicago Press, 1988.
- BRITO, A. M. Categorias sintáticas. *In*: MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Caminho Lisboa, 2003.
- CASTILHO, A. T. **Gramática do português brasileiro**. 1. ed. rev. São Paulo: Contexto, 2010. 766 p. v. 1. ISBN 978-85-7244-462-0.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding: The Pisa Lectures**, Dordrecht, Holland: Foris Publications, 1982.
- CHOMSKY, N. **The Minimalist Program**. Cambridge (MA): MIT Press, 1995.
- CORPUS SEARCH. **Corpus Search Users Guide**. 2009. Disponível em: <http://corpussearch.sourceforge.net/CS-manual/Contents.html>. Acesso em: 23 set. 2020.
- COSTA, A. S. **WebSinC: Uma Ferramenta Web para buscas sintáticas e morfossintáticas em corpora anotados - Estudo de Caso do Corpus DOViC - Bahia**. Orientador: Cristiane Namiuti. 2015. 189f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2015.
- COSTA, A. S.; NAMIUTI, C. WebSinC: buscas on-line em corpora sintaticamente anotados. *In*: PIMENTA, R. M.; ALVES, D. (org.). **Humanidades digitais e o mundo lusófono**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2021. p. 37-47.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do português contemporâneo**. 6. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Lexicon Editora Digital, 2013. 762 p. ISBN 978-85-86368-91-2.
- ELIA, S. Da negatividade em português. **Confluência**, Rio de Janeiro, v. 2, ed. 16, 1998, p. 31-39.
- GALVES, C. M. C. *et al.* **Rhythmic Patterns, Parameter Setting and Language Change**. 1998 (Projeto de pesquisa).
- GALVES, C.; ANDRADE, A.; FARIA, P. **Tycho Brahe Parsed Corpus of Historical Portuguese**. December 2017. Disponível em: <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/>. Acesso em: 23 set. 2020.
- GALVES, C.; NAMIUTI, C.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa. *In*: ENDRUSCHAT, A., KEMMLER, R.; SCHAFER-PRIEB, B. (orgs.) **Grammatische Strukturen des europäischen Portugiesisch: Synchrone and diachrone Untersuchungen zu Tempora, Pronomina, Präpositionen und mehr**. Tübingen: Calepinus Verlag, 2006. p. 45-74.
- ILARI, R. A categoria advérbio na gramática do português falado. **Revista Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 151-174, 2007.

ILARI, R. *et al.* Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A. (org.). **Gramática do Português Falado: A Ordem**. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1991. v. 1, p. 63-141.

KENEDY, E. **Curso Básico de Linguística Gerativa**. 1. ed. rev. São Paulo: Contexto, 2013. 283 p. v. 1. ISBN 978-85-7244-819-2.

KROCH, A. Reflexes of grammar in patterns of language change. **Language Variation and Change**, Cambridge University Press, p. 199-244, 1989.

MARTINS, A. M. Aspectos da negação na história das línguas românicas. Da natureza de palavras como nenhum, nada, ninguém. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE LINGÜÍSTICA, 12, 1996, Lisboa. **Actas do [...]**. Lisboa, 1996, p. 179-210. v. 2: Linguística Histórica e História da Linguística.

MARTINS, A. M. Introdução: O português numa perspectiva diacrónica e comparativa. In: MARTINS, A. M.; CARRILHO, E. (eds.). **Manual de Linguística Portuguesa**. Berlin/Boston: De Gruyter, 2016. p. 1-39.

MARTINS, A. M. Mudança Sintática. Clíticos, negação e um pouquinho de Scrambling. **Estudos Lingüísticos e Literários**, Salvador, n. 19, p. 129-162, 1997.

MARTINS, A. M. Ordem de Palavra e Polaridade: Inversão Nominal Negativa com algum/alguma e nenhum. **Diacrítica**, Lisboa, n. 29, p. 401-428, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/31174/1/Martins2015c.pdf>. Acesso em: 31 ago. 2021.

MARTINS, A. M. Polarity Items in Romance: underspecification and lexical change. In: PINTZUK, S.; TSOULAS, G.; WARNER, A. **Diachronic syntax: models and mechanisms**. Oxford/New York: Oxford University Press, 2000. p. 191- 219.

MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Caminho Lisboa, 2003.

MATOS, G. Estrutura de coordenação. In: MATEUS, M. H. M. *et al.* **Gramática da Língua Portuguesa**. Caminho Lisboa, 2003.

MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. **Linguistique historique et linguistique générale**, Paris: Champion, 1912. p. 130-148, 1948.

MIOTO, C. **Negação Sentencial no Português Brasileiro e Teoria da Gramática**. 1992. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

NAMIUTI, C. (coord.) **Novos meios para antigas fontes: Sintaxe Diacrônica em corpus eletrônico do português**. Projeto de Pesquisa. UESB, Vitória da Conquista, 2010.

NAMIUTI, C. **Aspectos da história gramatical do português: interpolação, negação e mudança**. Orientador: Charlotte Galves. 2008. 309 f. Tese (Doutorado em linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2008.

NAMIUTI, C. *et al.* Computação e linguística: importante diálogo para pesquisas e preservação da memória nos novos meios das antigas fontes. **Revista Binacional Brasil Argentina: Diálogo entre as Ciências**, Vitória da Conquista, v. 2, n. 1, jul. 2013.

NAMIUTI, C.; SANTOS, J. V.; COSTA, A. **WebSinC**. UESB/ LAPELINC, Vitória da Conquista - Bahia/ Brasil, 2015. Disponível em: URL: <http://memoriaconquistense.uesb.br/websinc>. Acesso em: 30 out. 2020.

NEVES, M. H. **Gramática de Usos do Português**. 6. ed. rev. São Paulo: UNESP, 2000. 1037 p. ISBN 85-7139-288-9.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. Memórias do Texto. **Revista Texto Digital**. n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.textodigital.ufsc.br/num02/paixao.htm>. Acesso em: 30 out. 2020.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C. O *Corpus Tycho Brahe*: contribuições para as humanidades digitais no Brasil. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 16, n. esp., p. 53-93, 2014. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2176-9419.v16ispep53-93>.

PAIXÃO DE SOUSA, M. C.; KEPLER, F. N.; FARIA, P. E-dictor: Novas perspectivas na codificação e edição de corpora de textos históricos. In: ENCONTRO DE LINGÜÍSTICA DE CORPUS, 8, 2009. Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: UERJ, 2009, p. 69-105.

PEREIRA, E. C. **Gramática Expositiva**. 1. ed. rev. São Paulo: Weiszflog Irmãos e Companhia, 1935 [1907]. v. 1. Disponível em: [/storage/bd/bas/livros/grammatica-expositiva/](#). Acesso em: 18 jun. 2020.

PINTO, C. Para a história da negação: o minimizador ‘homem’ no português antigo. **Estudos de lingüística galega**, v. 7, p. 109-123, 2015. DOI: <https://doi.org/10.15304/elg.7.2335>.

RANDALL, B.; TAYLLOR, A.; KROCH, A. **CorpusSearch 2**: Uma ferramenta para a pesquisa linguística (Versão 2). 2009. Disponível em: <http://corpussearch.sourceforge.net>. Acesso em: 30 out. 2020.

RAPOSO, E. **Teoria da Gramática**: A faculdade da linguagem. Lisboa: Ed. Caminho, 1992. 527 p.

SAID ALI, M. **Gramática secundária e Gramática histórica da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e atual. Brasília: Universidade de Brasília, 1964. 628 p. v. 1.

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. **Corpora Digitais Para a História do Português Brasileiro**: região Sudoeste da Bahia: Aliança PHPB - Tycho Brahe. Projeto de pesquisa. UESB, Vitória da Conquista, 2010. (FAPESB: 6171/2010).

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. **Corpus DOViC**: Documentos Oitocentistas de Vitória da Conquista. UESB/LAPELINC, Vitória da Conquista-Bahia/Brasil, 2016. Disponível em: <http://memoriaconquistense.uesb.br/websinc>.

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. De manuscritos históricos a *corpora* anotados: do Documento Digital Texto (DDT) ao *corpus* anotado. **A Cor Das Letras**, v. 17, n. 1, p. 60-66, 2017a. Disponível: <https://doi.org/10.13102/cl.v17i1.1438>.

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. De manuscritos históricos a *corpora* anotados: do Documento Físico (DF) ao Documento Digital Imagem (DDI). In: ALMEIDA, I. S.; BARREIROS, P. N.; SANTOS, R. B. **Filologia e Humanidades Digitais**. 1. ed. Feira de Santana: Editora UEFS, 2018. p. 120-145.

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. **DOVIC (Documentos Oitocentistas de Vitória da Conquista e região)**. Corpora Eletrônico. UESB. Vitória da Conquista, 2014.

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. **Memória conquistense**: recuperação de documentos oitocentistas na implementação de um corpus digital. Vitória da Conquista: UESB, 2009. (Projeto de pesquisa).

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. O futuro das Humanidades Digitais é o passado. In: CARRILHO, E.; MARTINS, A. M.; PEREIRA, S.; SILVESTRE, J. P. (orgs). **Estudos Linguísticos e Filológicos Oferecidos a Ivo Castro**. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, 2019.

SANTOS, J. V.; NAMIUTI, C. O objeto livro: a complexidade da forma e o digital. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIN, 10, 2017, Niterói. **Anais [...]**. Niterói, UFF, 2017b, p. 1668-1678.

SEIXAS, V. C. **A negação sentencial em textos dos séculos XVIII e XIX**: estrutura inovadora em foco. 2013. 151 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2013.

ZANUTTINI, R. **Syntactic properties of sentential negation**. A comparative study of Romance languages. University of Pennsylvania, 1991.